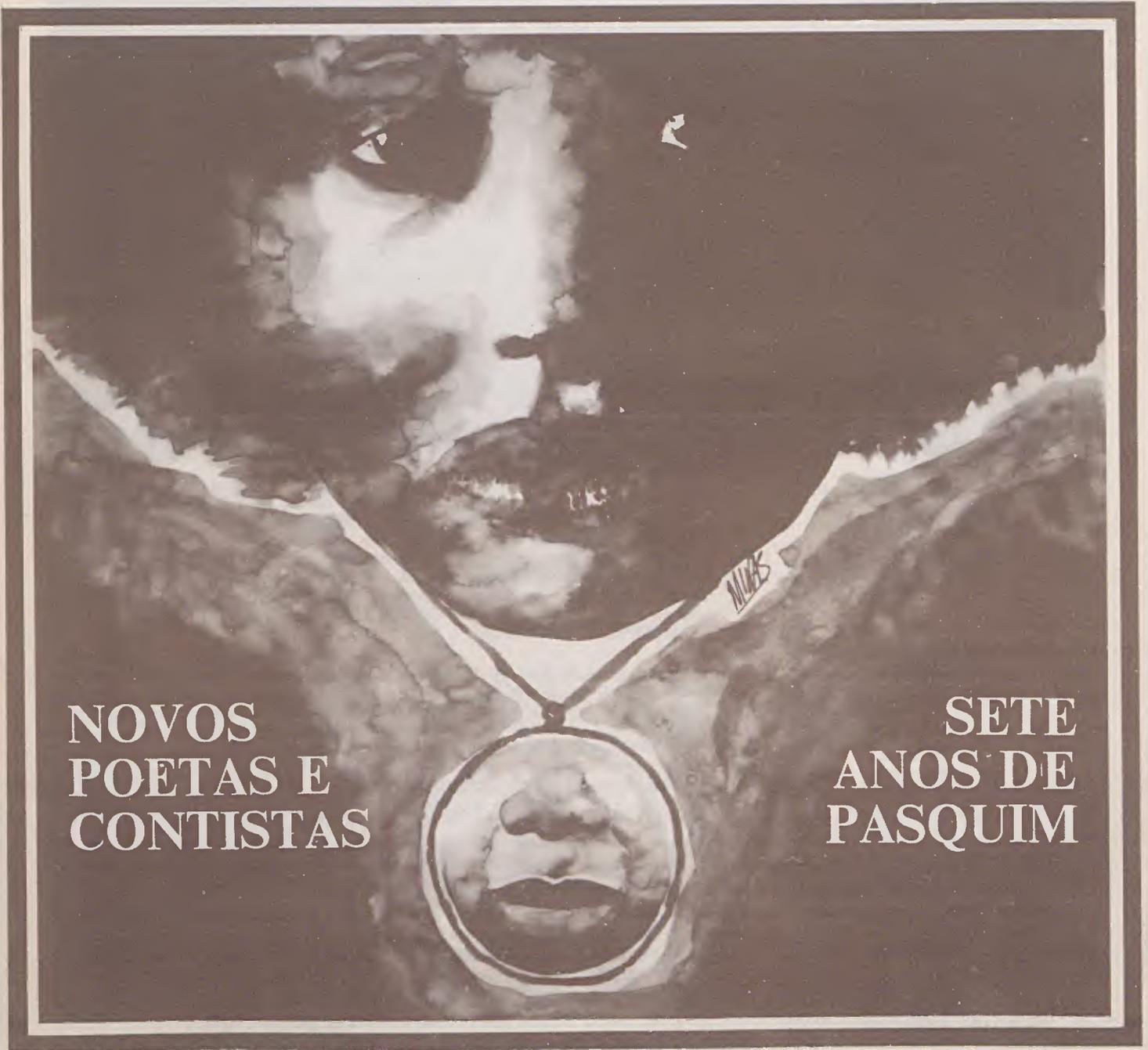


ESCRITA

Ano I N.º 11 1976 Cr\$ 12

Revista Mensal de Literatura



NOVOS
POETAS E
CONTISTAS

SETE
ANOS DE
PASQUIM

CAROLINA, SOLANO, CRUZ E SOUSA



ESCRITA

Editor
Wladyr Nader
Redação
Astolfo Araújo
Hamilton Trevisan
Vera Alves da Nóbrega
Editor de Arte
José Américo Mikas
Criação Fotográfica
Leila Leandro de Castro
Fotografias
Pororoca
Colaboradores
Antônio Torres (Rio)
Flávio Moreira da Costa (Rio)
Maria Amélia Mello (Rio)
Caio Fernando Abreu (Porto Alegre)
Henry Correa de Araújo (Belo Horizonte)
Ana Lagoa (Brasília)
Reinaldo Atem (Curitiba)
Raimundo Caruso (Florianópolis)
Nagib Jorge Neto (Recife)
João Baptista Natali Jr. (Paris)
Uma publicação da
Vertente Editora Ltda.
Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699
05014 — São Paulo (SP)
Assinaturas
(por vale postal
ou cheque visado)
anual: Cr\$ 140,00
semestral: Cr\$ 70,00
(com direito a três ou dois
números atrasados)
Números Atrasados
Cr\$ 12,00
Distribuição
Abril
Composição/Impressão
Planimpress
Registro na D.C.D.P.
do D.P.F. sob o n.º 1464-P.209/73

Índice

- 3 — Carolina Maria de Jesus:
entrevista
- 5 — O Sócrates Africano
- 7 — Baldwin e a ilusão do progresso
- 8 — A poesia nórdica de Cruz e Sousa.
E três poemas.
- 12 — A descrença na liberdade em
Machado de Assis
- 14 — Lima Barreto: a tragédia da cor,
dias de hospital e carta a Lobato
- 17 — Solano Trindade, vento forte da
África
- 19 — Novos: poemas e contos
- 26 — Registro
- 27 — Informação: sete anos de Pasquim
e outras notícias
- 30 — Impressões sobre livros
- 31 — Cartas

PAUTA

(A Poesia de Castro Alves) Os seus aspectos positivo e negativo atingem o grau máximo na poesia abolicionista, onde a beleza lírica se alterna ou mistura ao mau gosto oratório e folhetinesco. Ela é o seu florão maior não apenas por ser a sua contribuição mais pessoal à nossa evolução poética, mas porque reúne os dois aspectos fundamentais da sua obra: poesia pública e poesia privada, — a sociedade e o eu.

Para podermos sentir bem estas afirmações é necessário analisar de mais perto o significado do tema do negro na literatura do tempo. O índio, praticamente desaparecido da nossa vida, representava quase um mito; tendo funcionado como fixador de aspirações e compensações da jovem nação, tornou-se paradigma de heroísmo, uma das pedras de toque do orgulho patriótico. O negro, escravizado, misturado à vida quotidiana em posição de inferioridade, não se podia facilmente elevar a objeto estético numa literatura ligada ideologicamente a uma estrutura de castas. Ressalvados um ou outro poema lírico, podemos dizer que foi como problema social que surgiu primeiro à consciência literária, seja sob forma alegórica, na *Meditação*, de Gonçalves Dias, em 1849, seja como estudo de costumes, n' *O demônio familiar* (1857) e *Mãe* (1859), de José de Alencar. Estas peças enfeixam a opinião dos publicistas, viajantes, políticos sobre a situação de desequilíbrio moral resultante da presença do escravo no lar; opinião que o mestre-régio Vilhena exprimira com perspicácia definitiva, à entrada do século, e Joaquim Manuel de Macedo retomaria com vibração humana mais indigna em 1869, n' *As vítimas algozes*.

Foi como sentimento humanitário que o abolicionismo progrediu na literatura e ocorreu na maioria dos poetas. Talvez tenha sido Varela o primeiro a dar ao negro consistência mais nobre, traçando o perfil heróico de "Mauro, o escravo" (1864); mas só Castro Alves estenderia sobre ele o manto redentor da poesia, tratando-o como herói, amante, ser integralmente humano.

Para compreender o verdadeiro milagre literário que foi a sua poesia negra, lembremos mais uma vez o que se disse do indianismo, — sentimento de compensação para um povo mestiço, de história curta, graças à glorificação do autóctone, já celebrado por escritores europeus e bastante afastado da vida corrente para suportar a deformação do ideal. O negro, pelo contrário, era a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda heróica; admitir a ancestralidade indígena foi orgulho bem cedo vigoroso, graças à possibilidade de escamotear por meio dela a origem africana de uma cor bronzeada — origem que ninguém acusava, podendo-a disfarçar. Trazer o negro à literatura, como herói, foi portanto um feito apenas compreensível à luz da vocação retórica daquele tempo, facilmente predisposto à generosidade humanitária.

Um golpe de vista, mesmo rápido, nas obras que originou, mostra todavia as resistências que o processo encontrava, não apenas no público, mas no próprio escritor. Enquanto se tratava de cantar as mães-pretas, os fiéis pais-joões, as crioulinhas peraltas, ia tudo bem; mas na hora do amor e do heroísmo o ímpeto procurava acomodar-se às representações do preconceito. Assim, os protagonistas de romances e poemas, quando escravos, são ordinariamente mulatos, a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos e, deste modo, encaixá-los nos padrões da sensibilidade branca. (Antônio Cândido em "Formação da Literatura Brasileira", Martins, 1959, pgs. 273-274)

Na longa história da cultura brasileira, uma parte brilhante foi a representada pelos descendentes dos escravos africanos. Em papel de destaque, eles pintaram suas músicas, escreveram seus livros, distinguindo-se, ainda, como engenheiros, professores e médicos. O grande escultor Antônio Francisco Lisboa e o maior dos romancistas, Machado de Assis, foram ambos mulatos, bem como o primeiro músico de importância, o Padre José Maurício, e o primeiro grande engenheiro, André Rebouças. Os descendentes de africanos serviram também de motivo para pintores e escritores como se pode ver na tela épica de Vítor Meireles, *A Batalha dos Guararapes*, com figuras de soldados negros capitaneados por Henrique Dias, o que é evidente em muitas telas de Portinari, na obra do poeta do século XIX Castro Alves e nos romances de autores proeminentes como Aluísio Azevedo, da escola naturalista, e, dentre os contemporâneos, José Lins do Rego e Jorge Amado.

Assim como o negro é elemento importante na cultura brasileira, também o é no cenário brasileiro em seu conjunto. Pelo número de negros na história do país, o negro, quer como escravo ou homem livre, quer na sua busca da liberdade ou na sua luta por uma igualdade social, tem-se identificado com a própria história do Brasil. (Raymond S. Sayers, em "O Negro na Literatura Brasileira", tradução de Antônio Houaiss, O Cruzeiro, 1958, pgs. 13-14).

Colaboram neste número:

Antônio Torres
Florivaldo Menezes
José Carlos Abatte
Otávio Ianni
Raquel Trindade

VAI SILENCIAR A VOZ DOS FAVELADOS?



Carolina: "Só tive desgosto com a literatura. Mesmo que quisesse voltar a escrever, não poderia. Meus filhos me proibiram".

texto de
Hamilton Trevisan
e
Astolfo Araújo

Não quero mais escrever. Perdi o ideal, perdi o deslumbramento.

Carolina Maria de Jesus fala sem olhar para nós, ocupada em servir café e bolo de fubá ao casal muito simples que a visita na tarde de domingo. Estamos na cozinha da casa, na chácara que ela comprou em Parelheiros, subúrbio de São Paulo. É uma casa sólida e ampla. Tentamos fazer com que se lembre de nós, das visitas que lhe fizemos no barraco miserável da favela do Canindé, na época em que Audálio Dantas preparava a edição do seu diário. Ela não se recorda, embora por delicadeza acabe fingindo que sim. Quase

20 anos se passaram, os seus livros, *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, correram o mundo, traduzidos em 24 línguas. Carolina deixou a favela, viajou bastante, conheceu muita gente, não pode se lembrar. Mesmo assim, aceita conversar e nos leva até a sala.

Ao perguntarmos por que razão desistiu de escrever, ajoelha-se, ergue as mãos para o alto e diz que no Brasil o escritor tem de implorar ao editor para ser publicado. A alegação soa um tanto improcedente no seu caso, o que ela própria parece sentir, invocando outro motivo:

Só tive desgosto com a literatura.

Mesmo que quisesse voltar a escrever, não poderia. Meus filhos me proibiram.

Passa então a falar com entusiasmo dos dois filhos, que deram homens honestos e trabalhadores, e da filha que se casou muito bem, com um rapaz de 20 anos, mas que parece ter 200, de tão educado.

Isso tudo não veio dos livros? é a pergunta inevitável.

A resposta, evasiva: Carolina fala das pressões que sofria toda vez que os jornais noticiavam ter recebido algum dinheiro, os pobres fazendo fila diante de sua casa; da discriminação dos novos vizinhos,

Quando um governo deixa o custo de vida oprimir o seu povo, ele deixou de ser um governo concreto para ser um governo abstrato.

quando se mudou do barraco para uma casa da cidade; de fortunas que deveria ter recebido como direitos autorais e que lhe foram sonegadas. Não faz acusações diretas. Voltamos a mencionar a evidente transformação de suas condições de vida e ela nos dá a impressão de que alguém a convenceu de que foi lesada. Suas queixas, vagas e por vezes mirabolantes (A rainha Fabíola disse que me mandou um dinheiro que dava para comprar metade de Mato Grosso.), visam sobretudo justificar a recusa de escrever em obediência aos filhos. Apesar dos mal-entendidos que a desencantaram, faz questão de elogiar todos os que a ajudaram desde o início: Audálio Dantas (moço bom, de maneiras graciosas, limpo, não bebe), Paulo Dantas, Dr. Lélio, Dona Gladys, Sr. Miller...

Pedimos um conto para publicar na revista. Enquanto tenta localizá-lo nos inúmeros cadernos do seu diário, esquece por um momento o voto de renúncia e fala de um romance que gostaria de escrever sobre a juventude atual. Já escolheu o título: Os Rebeldes. O tema seria a violência dos moços de hoje que parecem guerreiros reencarnados. Revela, ainda, ter dois livros prontos, à espera de editores: Dr. Sílvio, um romance, e Um Brasil para os Brasileiros, memórias da infância vivida em Sacramento, Minas Gerais, onde nasceu em 1915. Entre as recordações, destacam-se os discursos de Rui Barbosa, então em campanha para presidente:

Ele mandava os negros desobedecerem os brancos e estudarem, conta Carolina, pra não ficar uma nação dividida, com uma parte sabendo ler e outra analfabeta.

Incluindo algumas poesias, o livro também descreve a fartura existente nesse tempo: Vovô ganhava 20 mil réis por semana e comprava tudo de sacco. As crianças eram gordas, o pão era grande e ficava macio durante três dias.

Ao tocar em seu tema fundamental — a comida hoje ausente da mesa dos pobres — Carolina reassume a objetividade minuciosa que dá força aos seus diários e especifica, alimento por alimento, os pre-



ços acessíveis de antigamente: feijão, dois mil réis o sacco, farinha, um mil réis, bacalhau inteiro, mil e quinhentos...

No auge do sucesso, Carolina viajou para o Chile, Uruguai e Argentina. Achou melhor a situação do Brasil: Todos vivem bem aqui, qualquer um pode comprar televisão. Só mora no barraco quem quer, quem cultiva muito o vício.

Essa opinião dá uma imagem acomodada da mulher que viveu e registrou o desamparo e a miséria extrema dos favelados. Será injusto nos fixarmos nela. Calcado no bom senso e numa ética essencialmente cristã, o pensamento real de Carolina, com suas contradições e sua singeleza, encontra-se disperso nos diários e no pequeno volume de provérbios publicado quando ela já era internacionalmente famosa. Entre as exortações à honestidade, à compaixão, à temperança e, principalmente, ao amor ao próximo, ganham realce suas reflexões sobre a realidade social, verdadeiras máximas políticas, como estas:

Se num país os homens que predominarem forem desonestos, este país irá forçosamente ao caos.

A língua do delator é como cactus.

A maior força de um país são os humildes que enfrentam qualquer espécie de trabalho.

O mundo não evolui porque temos muitos gastos supérfluos.

Deus disse: dai de comer aos que têm fome. Advertência aos atacadistas.

Não podemos perseguir o que não podemos destruir. Não é possível destruir raças.

O custo de vida duplicado contribuirá para desenfrear a sanha de perversidade da nossa juventude. Que há de delinquir-se, matando o semelhante para roubar.

Um Governo é um artista exibindo sua arte de governar para o povo; uns aplaudem, outros reprovam.

Antigamente o que oprimia o homem era a palavra Calvário. Atualmente é a palavra salário.

O SÓCRATES AFRICANO

Carolina Maria de Jesus



No ano de 1937 meu avô adoeceu. Ele se queixava de dores nos rins, mas naquela época a medicina estava na sua infância, os que adoeciam não tinham possibilidades para prolongar a sua existência. Os filhos reuniram-se, procurando auxiliar o vovô nos fins de sua estadia aqui na terra.

Várias pessoas iam visitar o enfermo que ficava contente, dizendo: se eles vem me visitar é porque gostam de mim. É que eu soube viver. Não fui mau elemento. Não prejudiquei o próximo.

Ele estava fazendo um exame de consciência para ver se descobria algumas falhas para pedir perdão a Deus. "Se eu fui injusto que Deus perdoe-me."

Já que meu avô estava morrendo, ele era a autoridade suprema naquela casa. Ele falava e nós ouviamos com todo respeito, porque quando o meu avô falava nós aprendíamos algumas coisas com ele porque ele não falava banalidades. Ele dizia: "É tão bom morrer! Mas eu não tenho permissão para vos relatar o que vejo para não lhes gerar confusão mental."

A minha mãe dizia que ele estava delirando. Havia momentos que ele ficava quieto e nós pensávamos: "Ele morreu!" E os netos que eram dez invadíamos o quarto gritando "Não morre vovô! Não morre vovô!"

Se ele estava dormindo, despertava e nos dizia:

— Meus filhos. Já fazem nove anos que estou devendo um rolo de arame para o senhor José Rezende. Ele esqueceu que eu devo, peço-os para pagá-lo. O homem deve ser honesto.

Quando o vovô silenciou-se o meu tio Antônio acendeu uma vela, pegou o cru-

cifixo e pôs nas mãos de vovô. Ele abriu os olhos e disse: "Quando a minha mãe morreu, eu era o filho mais novo e pus a vela nas suas mãos. E agora o Antônio que é o meu filho mais novo pôs a vela nas minhas mãos. Um filho não deve auxiliar o seu pai morrer. Enfim tudo que fazemos, pagamos."

Eu era menina e queria brincar com os primos que eu não conhecia porque eles moravam na roça. Os homens ricos iam visitar o vovô e ficavam horas e horas ouvindo-o falar e saíam dizendo:

— Que preto inteligente. Se este preto scubesse ler poderia ser o nosso Sócrates africano! Mas o Rui Barbosa pôs uma lei no senado pedindo para incluir os negros nas escolas, porque senão vai gerar confusão social, uma classe sabendo ler e a outra ignorante.

Os homens que iam visitar o vovô eram o senhor Manoel Soares, José Afonso, o Dr. José da Cunha. Eram os homens que liam o jornal "O Estado de São Paulo" e sabiam o que ocorria no mundo. E eu pensava: "O que será "Sócrates africano?" Será que eles estão xingando o vovô? O vovô é tão bom, não faz mal a ninguém. Quando morre alguém, ele é quem reza o terço."

Fui perguntar a minha mãe:

— Mamãe, o que é Sócrates?

Minha mãe estava nervosa. Respondeu-me:

— Vai amolar outro, vagabunda!

Pensei: ela não quer me explicar. Mas um dia hei de saber o que é Sócrates, porque tudo o que eu presenciava e não entendia eu guardava dentro da minha cabeça para esclarecer posteriormente. Eu compreendia que deveria armazenar as ocorrências na mente.

O vovô chamou a siá Maruca, a mulher que convivia com ele e disse-lhe:

— Maruca, você convive comigo a doze anos. Eu tive apenas duas mulheres na minha vida. A minha esposa e você. Nestes doze anos que você viveu comigo você me respeitou e me ajudou viver porque cuidava de mim. Os profetas diziam que se uma mulher conviver com um homem sete anos, ele tem o direito de desposá-la. Se a senhora não tiver nojo de um homem prestes a ser defunto, eu peço-a.

— Quer casar-se comigo? Pois não senhor Benedito! O prazer é todo meu porque o meu sonho foi ser a sua legítima esposa. Creio que lhe devo inúmeras obrigações, o senhor foi o meu protetor nestes dias que vivi. Eu vou sentir falta do senhor e muitas saudades também.

E o vovô reuniu os filhos e os netos para dizer-lhes que ia casar-se com siá Maruca. E o casamento tinha de ser realizado logo, porque ele poderia morrer de uma hora para outra.

Minha mãe foi procurar o padre Pedro para casar o vovô. E os comentários dominaram a cidade.

— Então eles não eram casados?

A siá Maruca vestiu o vestido novo, penteou os cabelos e calçou os chinelos novos. Quando o padre colocou as mãos cadavéricas do meu avô nas mãos de siá Maruca, ela chorou. E vovô disse-lhe: "Que casamento confuso é este nosso. Porque é de praxe que os que se casam empreendam uma viagem de lua de mel. Mas no nosso casamento eu vou viajar sozinho. Vou viajar para a eternidade.

Uns dormiam, outros ficavam acordados, vigiando o vovô. Que luta! Nós que

desejávamos satisfazer-lhe todos os desejos ficamos apavorados por não saber onde é que estava o meu tio. O "Tiobem". Mas uma vizinha por nome de siá Maria Treme-Treme por causa de suas mãos que tremiam diariamente disse que tinha possibilidades de fazer o "Tiobem" aparecer. Que deveríamos comprar uma peixeira virgem e um maço de vela para ela responder com Santo Antônio, que no prazo de sete dias nós íamos saber notícias do Tiobem.

E o vovô pedia para não roubar, que na nossa família não tinha ladrões, que o ladrão não tem valor na sociedade, que eles chegam até a matar o semelhante para roubar, que devíamos ser honestos.

Todos os dias circulava o boato: "O senhor Benedito morreu!"

E a casa superlotava-se de gente. E eu pedia a Deus para não deixar o vovô morrer.

Quando completou os sete dias conforme a siá Maria Treme-Treme havia nos dito, chegou uma carta de São Paulo. Era do meu tio, o "Tiobem", nos relatando que havia sonhado com o vovô e não era possível ir visitá-lo porque estava na penitenciária.

Os tios comentaram: "Então o mano Joaquim está lá em São Paulo! Eu logo vi que ele ia longe! Eu ouvi dizer que lá em São Paulo todos arranjam serviço, que os pobres e os ricos se confundem nos trajes. O homem que não trabalha lá é porque é vadio mesmo. São Paulo é um Estado que dá condição ao seu povo para viver. Não se vê paulistas andarinhos. O único Estado que é pai dos seus filhos é só o Estado de São Paulo.

Já o Estado de Minas é um Estado ma drasto para nós, porque o homem rico do nosso Estado ainda tem a mentalidade atrasada que guarda o dinheiro debaixo do colchão. O Estado de Minas tem a fama de ser rico, mas é uma riqueza que nós não percebemos. Enfim todos os Estados do Brasil só ficará adiantado se utilizar São Paulo como figurino.

E os tios faziam projetos. "Depois que o papai morrer, eu vou para o Estado de São Paulo e o "Tiobem" há de arranjar serviço para mim na penitenciária.

Foram procurar a Lina, uma preta que sabia ler. Ela leu a carta para o vovô ouvir. E o meu tio Candinho, era o mais falante, resolveu consolar o meu avô, dizendo:

— O senhor pode ficar tranqüilo porque o "Tiobem" está muito bem lá em São Paulo, ele está empregado na penitenciária.

O meu avô disse-nos:

— Vocês estão enganados, ele está bem mal. A penitenciária é onde ficam os criminosos. Coitado do meu filho!

Ficou comprovado que a mulher sabia responder. Já estava bem velha e ninguém procurou aprender com ela como é que responde.

Dia 27 de agosto de 1927 o meu avô morreu. Eu ficava olhando o seu corpo gélido dentro do esquife. Já sabia que não mais ia vê-lo. Olhava os seus lábios finos, o seu nariz afilado e a testa larga. Foi o preto mais bonito que eu já vi até hoje. Nós levávamos o cadáver a pé até o cemitério. Quando eles colocaram o caixão na se-

pultura, eu jurei ao meu avô que havia de saber o que era ser "Sócrates africano" porque eu não queria que ele tivesse um nome impróprio para a sua pessoa. Ele não devia a ninguém. Nunca foi preso. Não brigava com ninguém. Era o meu dever defendê-lo, porque o vovô plantou lavouras para nos criar. O vovô não comprava roupas novas, usava as roupas velhas que os ricos davam. Plantou vários pés de laranjas para nós. Nos levava para catar gabirobas, articum, pitangas e jatobá. Plantou o jaquitope para nós, contava várias estórias. Só depois que ele criou os filhos é que ele morreu.

Eu odiava o senhor José Afonso por dizer que o vovô seria o "Sócrates africano" se soubesse ler. Mas não podia xingar-lo porque ele era o presidente de Sacramento e os que xingavam o presidente ficavam presos um mês. Pensava: se o vovô fosse branco e rico, o senhor José Afonso havia de considerá-lo. Mas o vovô era preto e o preto não é dono do mundo. E fui falar com a minha mãe.

— Mamãe, porque é que Deus não fez diversos mundos. Podia dar um mundo só para os negros e outro só para os brancos. Porque não dá certo viver os pretos e os brancos num mundo só.

Quando aprendi a ler procurei saber o que era Sócrates e deixei de odiar o senhor José Afonso. Quanto ao meu tio que estava na penitenciária não procuramos saber o seu paradeiro. Fiquei feliz em saber que o meu avô morreu ilibado. O seu nome Benedito José da Silva não teve manchas. E tenho orgulho de acrescentar que ele foi o "Sócrates analfabeto."

LIVROS DA VERTENTE POR REEMBOLSO

Desejo receber por reembolso postal os seguintes livros da Vertente:

<input type="checkbox"/>	HEMINGWAY PARA CRIANÇAS	Ernest Hemingway	35,00
<input type="checkbox"/>	A FESTA	Ivan Ângelo	50,00
<input type="checkbox"/>	A VARINHA DO CAAPORA (3 vls.)	Antonieta Dias de Moraes	30,00
<input type="checkbox"/>	CAMISA-DE-FORÇA	Wladyr Nader	25,00
<input type="checkbox"/>	SEM SAHIDA	Zélio	30,00
<input type="checkbox"/>	SAPO CURURINHO DA BEIRA DO RIO	Maria Magdalena Lana Gastelois	8,00
<input type="checkbox"/>	A ÁRVORE DOS DESEJOS	William Faulkner	25,00
<input type="checkbox"/>	BRINQUEDO	Hamilton Trevisan	15,00
<input type="checkbox"/>	ESPINHA DORSAL	Wladyr Nader	25,00
<input type="checkbox"/>	TARDE DA NOITE	Luiz Vilela	30,00
<input type="checkbox"/>	OS CANTOS DE MALDOROR	Lautréamont	35,00
<input type="checkbox"/>	ISTO O JORNAL NÃO CONTA	Lourenço Diaféria, Hamilton Trevisan e outros	25,00
<input type="checkbox"/>	LIÇÕES DE PÂNICO	Wladyr Nader	25,00

Total de volumes:

Total em Cr\$:

Nome:

Endereço:

Cidade: CEP:

Estado:

Pedidos à

Vertente Editora Ltda. - Rua Monte Alegre, 1434 - Fone: 62-3699 - 05014 - São Paulo (SP)

O FALSO HUMANISMO DO OCIDENTE

James Baldwin

Todas as nações do ocidente foram pegadas numa mentira, a mentira de um pretenso humanismo: isto quer dizer que suas histórias não têm justificativa moral, e que o Ocidente não tem autoridade moral. Malcolm, ainda mais concretamente do que Frantz Fanon — desde que Malcolm operava no idioma afro-americano e se referia à situação afro-americana — determinou a natureza dessa mentira e suas implicações relevantes e nítidas para o povo que ele servia. Dado à história e o poder das nações ocidentais, ele deu de modo crescente e nítido as maneiras pelas quais esta mentira se tinha tornado um problema global, ameaçando milhões de vidas. “Vilão como eu sou — constata o personagem de Dostoiévski em *O Idiota*, — eu não acredito nos vagões que carregam pão para a humanidade. Porque os vagões que carregam pão para a humanidade sem nenhuma base moral de conduta, podem excluir friamente uma considerável parte da humanidade da alegria daquilo que foi trazido; e, portanto, isto já aconteceu”. De fato. E assim é agora. O personagem de Dostoiévski estava falando da iminente proliferação das estradas de ferro e do grande otimismo (que era perfeitamente natural), assim como também dos exaltantes efeitos que esta conquista da distância teria na vida do homem. Mas Dostoiévski viu que o aumento desse poder iria “excluir friamente uma considerável parte da humanidade”. Realmente, era desta exclusão que o aumento do poder inexoravelmente dependia: e agora o excluído — “e, portanto, isto já aconteceu” — de cujas terras foram roubados os minerais, por exemplo, que participam das construções de estradas de ferro, fios telegráficos, televisão, jatos, armas, bombas, frotas, precisam tentar, a um custo exorbitante, comprar suas riquezas manufaturadas de volta — o que não é remotamente possível, desde que eles precisam tentar esta aquisição com o dinheiro emprestado de seus exploradores. Mesmo se eles tentam resolver sua salvação — sua autonomia — em termos ditados por aqueles que os excluíram, ficam numa posição delicada e perigosa e, se recusam, numa posição desesperada: é difícil saber qual situação é a pior. Em ambos os casos estão diante das necessidades inexoráveis da vida humana e dos rigores da natureza humana. Qualquer um, por exemplo, que tenha trabalhado em, ou presenciado alguns dos programas “anti-pobreza” nos guetos americanos, tem conhecimento imediato da “ajuda estrangeira” nas nações subdesenvolvidas. Nos dois lugares, os mais hábeis aventureiros aumentam suas fortunas e o mais dedicado dos nativos é forçado a tornar-se louco ou inativo — ou subversivo — de frustração, enquanto a miséria de milhões de infelizes e dos que não podem levantar a voz aumenta sempre — e não somente isso — a reação de suas misérias é descrita ao mundo como criminosa. Em nenhuma parte esse exemplo terrível é tão claro como na América de hoje; mas o que a América está fazendo dentro de suas fronteiras, o está fazendo pelo mundo todo. É preciso lembrar que os investimentos americanos somente podem ser considerados salvos onde a população possa ser con-

siderada manejável; com isto em mente, considerar a reação americana com relação aos judeus que se orgulham de enviar armas para Israel e o provável fato de um negro americano que deseje encenar um comício com o propósito de enviar armas para os negros da África do Sul.

A América prova, sem dúvida, se nenhuma nação puder provar, que o homem não pode viver só de pão; por outro lado, dificilmente podem os homens reagir a esse princípio até que tenham — e ainda mais, seus filhos — pão suficiente para comer. A fome não tem princípios; simplesmente faz dos homens, na pior das hipóteses, patifes, e na melhor, perigosos. É preciso lembrar também — sem qualquer exagero — que séculos de opressão são também a história de um sistema de pensamento; portanto aquele ex-homem que se considera mestre e o ex-homem que é tratado como uma mula sofrem de uma particular espécie de esquizofrenia, em que cada um contém o outro, em que cada um deseja ser o outro. “O que liga um escravo ao seu mestre — observa David Cauter, em seu livro *O Declínio do Ocidente* — é mais trágico do que aquilo que os separa.”

É verdade que liberdade política é uma questão de força e não tem nada a ver com moralidade; e se alguém esperava encontrar um caminho ao redor desse princípio, a situação de apuro, que é a situação das nações ocidentais, e a definição das crises americanas, rasgou essa esperança em pedaços. Além disso, os hábitos de meditação reforçam e sustentam os hábitos da força, e não é jamais remotamente possível, para o excluído, tornar-se um participante, porque essa inclusão significa, precisamente, o fim do status quo — ou resultaria, como tantos dos sábios e honrados diriam, num cruzamento de várias raças.

Mas para o poder sentir-se verdadeiramente ameaçado é preciso que de alguma maneira sinta a presença de um outro poder — ou, mais precisamente, de uma outra energia — que não consiga definir e consequentemente não consiga controlar. Faz muito tempo, por exemplo, que a América vem prosperando, ou parece vir prosperando; essa prosperidade custa a vida de milhões de pessoas. Ora, nem mesmo o povo que é o mais espetacular recipiente dos benefícios dessa prosperidade é capaz de su-

portar tais benefícios; não os podem compreender, nem fazer, nem ir além deles. Acima de tudo, eles não podem ou não ousam avaliar ou imaginar o preço pago por suas vítimas ou objetos, para essa maneira de vida, e portanto não se podem dar ao luxo de saber porque as vítimas estão se revoltando. São forçados, então, a concluir que as vítimas — os bárbaros — são revoltados contra todos os civilizados valores estabelecidos — o que é e não é verdade — e a fim de preservar esses valores, por mais sufocantes e tristes que tornem suas vidas, a maior parte das pessoas procura desesperadamente representantes que estão preparados para compensar, com crueldade, o que falta, em ambos, em convicção.

Esta é a receita para uma nação ou um império declinar, porque nenhum império pode manter-se somente na força. A força não funciona da maneira pela qual seus defensores parecem imaginar que funcione. Não revela, por exemplo, às vítimas, o poder de seus adversários; ao contrário, mostra sua fraqueza, seu pânico, mesmo, e essa revelação torna a vítima paciente. Além disso, é fatal, ultimamente, criar demasiadas vítimas. O vitorioso não pode fazer nada com elas, porque elas não lhe pertencem. Pertencem ao povo contra o qual ele está lutando. O povo sabe disso, e tão inexoravelmente quanto o livro de chamada — o livro de honra — das vítimas se expande, ao mesmo tempo se tornará ele inexorável. O povo decide que seus mortos, seus membros, não deveriam ter morrido em vão. Quando se chegou a esse ponto, onde quer que a batalha se encontre, o vitorioso não pode nunca ser vitorioso; pelo contrário, toda sua energia, sua vida inteira estão estreitamente ligadas a um terror que ele não pode enunciar, a um mistério que não pode ler, a uma batalha que não pode vencer — simplesmente tornou-se prisioneiro do povo que pensou acorrentar, amedrontar ou reduzir à submissão.

A força, então, que não pode ter moralidade em si mesma, está ainda dependente da energia humana, da vontade e dos desejos dos seres humanos. Quando a força se transforma em tirania, significa que os princípios dos quais ela dependia, e que eram sua justificativa, faliram. Quando isto acontece — e está acontecendo — a força só pode ser defendida por malfetores e medíocres — e mares de sangue. Os representantes do status quo estão esgotados e divididos, e apavorados olham para dentro de sua juventude, enquanto os excluídos começam a perceber, tendo suportado tudo, que podem suportar tudo. Não sabem a forma precisa do futuro, mas sabem que o futuro lhes pertence. Perceberam isto — paradoxalmente — pelo fracasso da energia moral de seus opressores e começam, quase que instintivamente, a forjar uma nova moralidade, a criar os princípios pelos quais um novo mundo será construído.

O artigo do norte-americano James Baldwin foi tirado do livro *E Pelas Praças Não Terás Nome*, traduzido por Creighton Sarzy para a editora Brasiliense.

A POESIA NÓRDICA DE CRUZ E SOUSA

Roger Bastide



Se há uma poesia essencialmente nórdica, essa será exatamente a poesia simbolista. É necessário procurar as suas origens no *lied* alemão e sobretudo na poesia inglesa. Em França, onde o Simbolismo assumiu a forma mais sistemática, seus adeptos se encontravam entre os poetas do Norte e nunca conseguiu agrado no Sul, a tal ponto que perguntam, de boa fé, se os povos do Sul não eram refratários ao gênio poético. O único discípulo meridional de Mallarmé foi Paul Valéry, que só se tornou original quebrando, após longo silêncio, o feitiço do Simbolismo. Não há dúvida que a filosofia subjacente a essa forma poética é uma filosofia mediterrânea: o Platonismo. Porém, depois do princípio do século XVI, o Platonismo (que se apresentou pela primeira vez com o caráter simbolista em Maurice Scève, um lionês) desapareceu dos países do Sul para refugiar-se na Inglaterra, onde se mantém até os nossos dias. É, pois, um Platonismo inglês, nórdico, que admiramos na arte moderna. Não são temas simbolistas: o calor luminoso do sol, mas sim o frio límpido da lua; não a cabeleira negra, mas a cabeleira dourada dos nórdicos, ou o outono dos cabelos ruivos; é o cisne

e é a neve; é o céu cinza das planícies do Norte. Como se poderá explicar então que o maior representante da escola simbolista no Brasil seja um descendente de africanos, um filho de escravos, um negro que encontrou sempre pelo seu caminho, para detê-lo, o preconceito de cor? Há aí um verdadeiro paradoxo, que só se pode explicar pelo caráter "classificador" do Simbolismo.

Não há dúvida que existe uma outra explicação possível: a influência do meio. Cruz e Sousa nasceu em Santa Catarina, onde a influência alemã é naturalmente muito mais forte: entre os seus mestres encontra-se um alemão como Fritz Müller, e ele sofreu fortemente a influência do pessimismo filosófico germânico, particularmente de Schopenhauer. Poder-se-ia, portanto, pensar que o gosto pela poesia nórdica é nele o resultado da educação. Mas, se nos lembrarmos de que no outro extremo do Brasil, outro homem de cor, Tobias Barreto, foi procurar também a sua inspiração no pensamento germânico, é-nos permitido dizer que existe um fenômeno, cuja explicação só pode ser encontrada numa análise do inconsciente racial, na vontade de mudar mentalmente de cor; é preciso clarear e o

melhor meio é procurar a poesia ou a filosofia dos indivíduos que têm a pele mais clara, isto é, os povos do Norte.

Por conseguinte, o simbolismo de Cruz e Sousa não se explica pelo meio. O Simbolismo, aliás, não vingou no Brasil, e o autor de *Missal* ficou aqui quase que como o único grande representante dessa escola. Esse simbolismo se explica, no entanto, pela vontade do poeta ocultar as suas origens, de subir racialmente, de passar, ao menos em espírito, a linha de cor. É a expressão de uma imensa nostalgia: a de se tornar ariano. E Cruz e Sousa, ele próprio, compreendeu bem isso. Antes de se tornar simbolista, começou com efeito por ser parnasiano, defendendo os dois dogmas essenciais do Parnaso (que jamais renegou): a arte pela arte e a necessidade de seguir as regras técnicas mais exigentes na elaboração do poema. Ora, ele viu que esses dogmas significavam um meio de luta contra suas heranças africanas: "Eu trazia como cadáveres... todos os empirismos preconceituosos e não sei quanta camada morta, quanta raça d'África curiosa e desolada. Surgindo de bárbaros tinha de domar outros mais bárbaros ainda, cujas plumagens de aborígene alacrememente flutuavam atra-



vés dos estilos... O temperamento entortava muito para o lado da África: — era necessário fazê-lo endireitar inteiramente para o lado da Regra, até que o temperamento regulasse a arte como um termômetro¹. Mas o Simbolismo é alguma coisa mais: é uma arte preciosa, requintada, difícil, cheia de matizes e de delicadeza, que se dirige a uma pequena elite e classifica consequentemente o seu adepto no recesso de uma aristocracia da aristocracia. Ora, o autor admite que essa arte sabida o separa de sua mãe, fá-lo romper com suas origens, e se aflige, pois ama ternamente aquela que lhe deu à luz², mas coloca, também, o culto da beleza acima de tudo. Assim, Cruz e Sousa sentia nitidamente que a arte era um meio de abolir a fronteira que a sociedade colocava entre os filhos de escravos e os filhos dos brancos livres; é por isso que foi logo ao tipo que lhe pareceu o mais ariano de todos.

Essa nostalgia da cor branca marca a sua obra, sob as formas mais diversas. Primeiramente, a nostalgia da mulher branca, mais particularmente da alemã de olhos azuis, de cabelos louros, de face pálida ou levemente rosada, e isso desde seus primeiros poemas ("Papoula"), mas sobretudo nos **Broquéis**.

"Alta, a frescura da magnólia fresca,
a cor nupcial da flor de laranjeira,
Doces tons d'ouro de mulher tedesca..."

Eram-lhe caros esses temas. Na "Lubricidade", sonha ser uma serpente para poder se perder. "Nos flavos turbilhões dos teus cabelos" e canta alhures ainda os seios da mulher, "oásis brancos", e suas mãos, "mãos de claros veros". Para além do corpo branco, o que ele deseja estreitar em seus braços é todo o país do Norte, é a Europa dos arianos. Através de seu corpo estendido junto ao da mulher cantada, ele sente todas as ondulações dessas regiões do Norte:

"A longa ondulação de águas do Reno"³.

No entanto, ele se casará com uma brasileira de cor. Mas no admirável poema em prosa que lhe dedica passará também do negro ao branco, cantará a sua "alma de forma singela e branca de hóstia", o timbre argentino de sua voz e fará de sua "nubiana" um ser vaporoso e quase espiritual⁴.

Existe mesmo uma parte de sua obra que ilustra claramente a lei psicanalítica da "transferência", estudada por Freud na elaboração do sonho. É quando o poeta relata o seu desejo de ver, visitar, partir para o país do Norte, para as planícies nevadas ou geladas. A libido transfere-se do fim para os meios, mas trata-se sempre do mesmo desejo sexual, da mesma nostalgia que Gilberto Freyre descreveu entre os portugueses morenos, da virgem de pele leitosa e de cabelos dourados⁵.

Mas o desejo físico se transforma nele em uma nostalgia estética. O simbolismo europeu é essencialmente a apologia do branco. Basta ler Mallarmé, e particularmente "Herodiade", para se ter essa convicção, ou ainda certos sonetos como "Le vierge, le vivace et le bel aujourd'hui...". É essa busca da brancura que Cruz e Sousa tomou de empréstimo à poesia oci-

dental; mas exagerou-a ainda e fez dela a característica essencial de sua obra. Se se abrir a sua primeira coletânea em prosa, **Missal**, percebe-se sem dúvida que o negro e o branco dominam, mas a gama das cores ainda permanece rica. Usando de um processo que Mabileau empregou para Victor Hugo e que lhe permitiu estudar o evoluir da visão desse poeta (a passagem de 7 para 3 e depois 2 cores), eu me diverti em fazer a estatística das evocações coloridas através da obra de Cruz e Sousa. Ora o azul, o verde, o vermelho, o roxo que representam um certo papel no **Missal** desaparecem nos **Broquéis** (8 epítetos verdes, 1 roxo...) enquanto o branco em seus diversos tons, branco puro, lunar, de neve, de nuvens, luminoso, cristalino, de marfim, leitoso, de espuma, opaco ou pérola, volta 169 vezes. As duas cores mais importantes são, a seguir, o ouro (18) e o rosa pálido (10). Posteriormente a predominância do branco diminuirá, pouco mais ou menos de metade nos **Faróis** para deixar mais lugar à poesia noturna. Voltaremos a ela. Mas seria interessante fazer um estudo completo dos epítetos e dos substantivos coloridos em Cruz e Sousa, como reveladores das nostalgias interiores. Encontrar-se-iam, então, coisas curiosas: o vinho, por exemplo, nunca é vermelho, durante o período de arianização é sempre de ouro líquido e durante a fase noturna torna-se negro.

Fiquemos por ora na nostalgia do branco, no poeta que salmodia:

"Ó formas alvas, brancas, formas claras
De luazes, de neves, de neblinas!..."⁶

A música de seus versos indica então a mesma preocupação de encontrar no Simbolismo o meio de passar a linha de cor. O que caracteriza a música negra é a importância do ritmo e o uso do tambor. E o que caracteriza a música simbolista, sobretudo em Verlaine, é a linha melódica, a doçura, os suspiros longos dos violinos. É bem essa música que Cruz e Souza coloca nos seus versos, para fazer esquecer o ritmo selvagem e profundo do tantá; uma música que canta docemente em menor, que canta e violiniza, por exemplo, nos "violões que choram"⁷. Tem-se igualmente o hábito de considerar a raça africana como violentamente sexual, lúbrica mesmo, e tem-se distinguido o seu animismo ou seu "manismo" selvagem do espiritualismo requintado dos cristãos. Aqui também o Simbolismo, que foi uma poesia da castidade, da pureza, da esterilidade feminina (o branco, sob a sua forma simbólica) e que, como já disse, subentende o espiritualismo platônico, dava ao nosso escritor a vantagem de fazer com que esquecessem suas origens e de que o considerassem quem melhor exprimia as formas mais altas e mais requintadas do idealismo europeu. Eis por que leva o culto da castidade até as formas patológicas que lhe dá Mallarmé, a apologia da esterilidade, da mulher inviolada e da morte. E, como em Mallarmé, nele esse culto se liga ao da luz lunar, da neve imaculada e da água presa no gelo.

Parece pois que, se o Simbolismo se encontra num poeta negro, não é entre tanto em consequência de uma secreta

correspondência entre certa forma de poesia e de certo temperamento racial, mas, ao contrário, como um meio de lutar e de fazer esquecer esse temperamento, como um meio de classificação racial. Mas também como um meio de classificação social. Porque o negro no Brasil foi menos o africano do que o antigo escravo, o homem que exercia um trabalho forçado, que estava na camada mais baixa da escala social. Sabe-se como foi dura a vida para Cruz e Sousa e que materialmente ele não pôde subir muito alto. Mas nem por isso a sua vontade de ascensão foi menos forte e, como nesses casos não há meias medidas, também o foi a sua vontade de aristocratização. Muito jovem, procurava, segundo o testemunho dos seus contemporâneos, a solução na atitude distante, superior, hierática e na elegância do costume, sempre requintado⁸. Aqui igualmente o Simbolismo lhe permitia realizar, melhor ainda do que no Parnaso, essa promessa de aristocratização. A torre de marfim, o poema obscuro, compreensível a uma pequena minoria, a cultura doentia da inteligência e da sensibilidade, o horror à vulgaridade, uma arte de reticências e de sutilezas, eis o que oferece o maior poeta afro-brasileiro para provar a sua aristocracia. Tornar-se-á também o tipo mesmo do esteta, aquele que, como ele disse, se recusa às sensações elementares, físicas, terrestres, para sentir unicamente com seus nervos, com suas fibras, as sensações mais etéreas, aquelas que escapam ao comum dos mortais. Assim a sociedade deseja rebaixá-lo, mas ela nada pode sobre o seu espírito de artista. De chofre, coloca-se no primeiro plano, na elite da poesia pura: "Ele é o supercivilizado dos sentidos". Frase bem expressiva, que revela a verdadeira significação sociológica do paradoxo que enunciámos no começo: como conseguiu esse filho de africanos ter sido o mais nórdico de todos os poetas do Brasil.

(1) **Evocações**: "Emparedado".

(2) **Obras completas de Cruz e Sousa**, p. 147, t. II.

(3) Ver "Papoula", "Visão da Morte", "Beleza Morta", "Tuberculosa", "Lenda dos Campos", "A Janela", como expressões dessa nostalgia da mulher do tipo germânico.

(4) **Missal**: "Núbia". Cf. em **Evocações**: "O sonho do idiota". Cruz e Sousa vai procurar os seres mais miseráveis para os sublimar, os eterizar; mas o que ele fez pelos infelizes fez ainda mais para os indivíduos de sua raça, sua mulher, e pelos seus pais ("Evocações de Fantasmas").

(5) **Missal**: "A Janela", "Aparição da Noite".

(6) "Antifonia", "Sonho branco", "Lua", "Cristais", "Angelus", etc.

(7) **Faróis**: "Violões que Choram". Cf. **Broquéis**: "Música Misteriosa".

(8) "gastava tudo o que ganhava... em trajes variados, finos e bem feitos", diz Vazia.

Este artigo foi extraído do capítulo "Quatro Estudos Sobre Cruz e Sousa", do livro **Estudos Afro-Brasileiros**, editora Perspectiva.

TRÊS POEMAS DE CRUZ E SOUSA

LITANIA DOS POBRES

Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
Cegos, a tatear nas portas.

Procurando o céu, aflitos
E varando o céu de gritos.

Faróis à noite apagados
Por ventos desesperados.

Inúteis, cansados braços
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Ofício
Condena a feroz suplício.

Arcas soltas ao nevoento
Dilúvio do Esquecimento.

Perdidas na correnteza
Das culpas da Natureza.

Ó pobres! Soluços feitos
Dos pecados imperfeitos!

Arrancadas amarguras
Do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios.
Imponderáveis mistérios.

Bandeiras rotas, sem nome,
Das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas
Das sangrentas barricadas

Fantasmas vãos, sibilinos
Da caverna dos Destinos!

Ó pobres! o vosso bando
É tremendo, é formidando!

Ele já marcha crescendo,
O vosso bando tremendo...

Ele marcha por colinas,
Por montes e por campinas.

Nos areais e nas serras
Em hostes como as de guerras.

Cerradas legiões estranhas
A subir, descer montanhas.

Como avalanches terríveis
Enchendo plagas incriveis.

Atravessa já os mares,
Com aspectos singulares.

Perde-se além nas distâncias
A caravana das ânsias.

Perde-se além na poeira,
Das Esferas na cegueira.

Vai enchendo o estranho mundo
Com o seu soluçar profundo.

Como torres formidandas
De torturas miserandas.

E de tal forma no imenso
Mundo ele se torna denso.

E de tal forma se arrasta
Por toda a região mais vasta.

E de tal forma um encanto
Secreto vos veste tanto.

E de tal forma já cresce
O bando, que em vós parece,

Ó Pobres de ocultas chagas
Lá das longínquas plagas!

Parece que em vós há sonho
E o vosso bando é risonho.

Que através das rotas vestes
Trazeis delícias celestes.

Que as vossas bocas, de um vinho
Prelibam todo o carinho...

Que os vossos olhos sombrios
Trazem raros amavios.

Que as vossas almas trevosas
Vêm cheias de odor das rosas

De torpores, d'indolências
E graças e quintessências.

Que já livres de martírios
Vêm festonadas de lírios.

Vêm nimbadas de magia,
De morna melancolia!

Que essas flageladas almas
Reverdecem como palmas.

Balanceadas no letargo
Dos sopros que vêm do largo...

Radiantes d'ilusionismos,
Segredos, orientalismos.

Que como em águas de lagos
Bóiam nelas cisnes vagos...

Que essas cabeças errantes
Trazem louros verdejantes.

E a languidez fugitiva
De alguma esperança viva.

Que trazeis magos aspeitos
E o vosso bando é de eleitos.

Que vestes a pompa ardente
Do velho Sonho dolente.

Que por entre os estertores
Sois uns belos sonhadores.

ES CRAVOCRATAS

Oh! trãnsfugas do bem que sob o
[manto régio
manhosos, agachados — bem como um
[crocodilo,
viveis sensualmente à luz dum privilégio
na pose bestial dum cágado tranqüilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas
ardentes do olhar — formando uma
[vergasta
dos raios mil do sol, das iras dos poetas,
e vibro-vos à espinha — enquanto o
[grande basta

O basta gigantesco, imenso,
[extraordinário —
da branca consciência — o rútilo sacrário
no tímpano do ouvido — audaz me
[não soar.

Eu quero um rude verso altivo
[adamastórico,
vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,
castrar-vos como um touro — ouvindo-vos
[urrar!

DORMINDO...

Pálida, bela, escultural, clorótica
sobre o divã suavíssimo deitada,
ela lembrava — a pálpebra cerrada —
uma ilusão esplêndida de ótica.

A peregrina carnação das formas,
— o sensual e límpido contorno,
tinham esse quê de avêrnico e de morno,
davam a Zola as mais corretas normas!...

Ela dormia como a Vênus casta
e a negra coma aveludada e basta
lhe resvalava sobre o doce flanco...

Enquanto o luar — pela janela aberta —
como uma vaga exclamação — incerta —
entrava a flux — cascadeado — branco!...

pistões pinos
bronzinas buchas



METAL LEVE

METAL LEVE s.a. indústria e comércio
Rua Brasília Luz, 535, 04746 (Sto. Amaro) São Paulo
Telefone 241-0011

ASSINE ESCRITA

Desejo assinar Escrita a partir do n.º

() por um ano (Cr\$ 140,00)

() por seis meses (Cr\$ 70,00)

Solicito o envio gratuito dos seguintes números
atrasados:

(três para assinatura anual, dois para semestral)

Nome:

Endereço:

Cidade: CEP:

Estado:

ATENÇÃO

Segue vale postal () / cheque visado () para
Vertente Editora Ltda. - Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699 - 05014 - São Paulo (SP)

Escrita, uma revista mensal de literatura



MACHADO DE ASSIS: A DESCRENÇA NA LIBERDADE

Raymundo Faoro

Extraído de Machado de Assis:
A Pirâmide e o Trapézio, Companhia
Editora Nacional.

Seria temerário construir, de alguns trabalhos soltos, uma teoria social, da qual Machado de Assis estava longe, quer por falta de preparo filosófico, quer por falta de aderência aos valores dominantes. Há menos do que uma doutrina, na sua obra, e mais do que o protesto intuitivo. Não desconhecia Machado de Assis o confuso rumor que o fim do século XIX projetava da Europa para o mundo, rumor que confundia, apaixonadamente, socialismo, anarquismo e comunismo. Proudhon merece explícita referência, com a observação que, graças a um folheto seu, teve um "vislumbre de política", porque entendeu o "rumor e as suas causas". O próprio nome de Marx é evocado, sem que Machado de Assis jamais o tenha lido (*Crônicas de Lélío*, pág. 229). Notou que os socialistas procuravam discernir, atrás dos fatos, sua significação, de modo mais amplo do que os moralistas, amarrados aos motivos das ações como pecados capitais. A diferença entre uma atitude e outra denunciaria, ironicamente, o homem de olhos abertos e o homem de olhos fechados. "Vejam os leitores a diferença que há entre um homem de olho aberto, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu, em suma), e o resto da população. / Toda a gente contempla a procissão na rua, as bandas e bandeiras, o alvoroço, o tumulto, e aplaude ou censura, segundo é abolicionista ou outra coisa, mas ninguém dá a razão desta coisa ou daquela coisa; ninguém arrancou aos fatos uma significação, e, depois, uma opinião. Creio que fiz verso. / Eu, pela minha parte, não tinha parecer. Não era por indiferença; é que me custava a achar uma opinião. Alguém me disse que isto vinha de que certas pessoas tinham duas e três, e que naturalmente esta injusta acumulação trazia a miséria de muitos; pelo que, era preciso fazer uma grande revolução econômica etc. Compreendi que era um socialista que me falava, e mandei-o à fava. Foi outro verso, mas vi-me

livre de um amolador. Quantas vezes me não acontece o contrário". Tais opiniões são anteriores ou contemporâneas das observações de Machado de Assis acerca da sorte do escravo Pancrácio e da famosa tirada de Paulo, que queria emancipar o branco. Não tinha a oratória do republicano mero sentido político, que se poderia filiar aos liberais de 1848 — Paulo protesta contra esta interpretação, cioso do conteúdo carbonário de sua frase. Tudo está a testemunhar que há, na visão do escritor projetada sobre o problema servil, um processo novo na tomada de consciência da realidade. Ao seu cuidado antigo de descobrir na ação o móvel íntimo, que desfigura o fato exterior — para quem "o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão" — sobrepõe-se a preocupação de ver, no acontecimento público, as razões, não mais de ordem moral, mas oriundas da organização social. Atrás da alforria do escravo não está apenas a cobiça, mas a tranqüila exploração do empregado, que o sistema do salário explica e legitima. A técnica é a mesma dos moralistas, dos caros moralistas de Machado de Assis dos séculos XVI e XVII e da arte de Swift: a cabeleira empacada esconde, e esconde mal, a fisionomia viciosa, o pecado de boa aparência. A literatura da virada do século — da passagem do século XIX ao XX — sugere igual expediente, recheado de outro conteúdo, timidamente furtado, incorporado sem reflexão mais profunda. Não mais o gosto de sondar a causa secreta da ação generosa, mas a vingança — será vingança e ressentimento? — de desmascarar a beleza retórica das grandes ações e dos gestos públicos. (Socialismo e ressentimento, vinculados viciosamente, em algum momento, na dobra mais íntima da consciência). De alguma forma, palidamente (cautelosamente), tremula o reflexo de Freud, Nietzsche e Marx, autores, todos, provavelmente desconhecidos do escritor, nas páginas de Esaú e Jacó e nas crônicas. A denúncia, o desmascaramento, em Machado de Assis, não mostra, no fundo das ações, o inconsciente, os interesses de classe e a longa distorção do tecido histórico. Vai além, na verdade, do nariz de Cleópatra

de seu louvado Pascal, para discernir uma ordem subterrânea, que ele supõe organizada segundo forças obscuras, empenhadas em se alhear da presunção humana. Ele sabe que tudo o que se vê, na superfície da sociedade, não passa de falsidade e mistificação. Ignora, ou apenas pressente, emancipando-se, sem audácia, dos moralistas, que as relações entre os homens obedecem a outros imperativos, talvez falsos e vãos, como os ostensivos. Enfim, na questão servil, o escritor não quer ser enganado pelos discursos e pelas ações falsamente generosas. Ele, quase solitariamente, vê, atrás da liberdade, o fundamento da liberdade, assentado sobre a autonomia econômica. Percebe que a libertação do escravo pode ser apenas um bom negócio para o branco e o caminho da miséria para o preto. A liberdade, a bela e milagrosa liberdade dos comícios e dos panfletos, também ela esconde a servidão.

Cético com respeito à abolição e às alforrias, a escravidão existe, na obra de Machado de Assis, independente dos sentimentos. O entusiasmo abolicionista, a piedade com a sorte do escravo, o protesto contra o mau trato, não encontrarão nenhum eco na palavra do escritor, senão em expressões palidamente convencionais. Paira sobre os destinos individuais o tecido de ferro de um sistema, a instituição servil, fixamente enraizada na história, na sociedade e na economia. O arcabouço exterior explica tudo e faz calar a revolta, submersa na ordem social, que a própria poesia incorporou, num e noutro fio mais ardente. "A escravidão levou consigo ofício e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara da folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque era geralmente dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel". A ordem social absorve, para subsistir, o grotesco e o cruel, a piedade e a solidariedade. Cedem a ela todas as considerações humanas, sob o pressuposto não declarado de que ela era necessária e diante dela o homem é impotente. Já a história de Cotrim (*Memórias Póstumas*) mostra bem, ainda em relação ao escravo, a distância entre sentimento particular e a ordem social, um indiferente à outra. "Como era (Cotrim) muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de ne-



gócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padecia quando lhe morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única". Sob o calor de 13 de maio, que deu "grande prazer" ao conselheiro Aires, diante das aclamações e do entusiasmo, o escritor se defronta, longe do atordoamento da hora, com a instituição. "Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia. A poesia falará dela, particularmente naqueles versos de Heine, em que o nosso nome está perpétuo. Neles conta o capitão do navio negroiro haver deixado trezentos negros no Rio de Janeiro, onde "a casa Gonçalves Pereira" lhe pagou cem ducados por peça. Não importa que o poeta corrompa o nome do comprador e lhe chame Gonzales Perreiro; foi a rima ou a sua má pronúncia que levou a isso. Também não temos ducados, mas aí foi o vendedor que trocou na sua língua o dinheiro do comprador."

Ordem social, relações sociais, instituições — expressões que dizem da inelutável armadura exterior, que constrange a conduta íntima, triturando-a nas suas duras malhas. Esta a perspectiva que orienta a visão do escravo, miserável no cativeiro, maltratado na dignidade, ferido na carne. Se não há mais pancadas será porque "o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói". E o moralista, cegado pela virtude e pelo vício, móveis de toda a vibração humana, onde está ele? Parece que o sociólogo usurpa o seu lugar, atento à realidade exterior, fixada na história e na sociedade. O sociólogo tem a função exclusiva, ao contrário de revelar a sociedade, de denunciar a presença de uma trama inacessível à vontade humana e ao protesto. Mostra, sob a aparência de estudioso das instituições sociais, a impotência para reagir diante do monstro inexorável que comanda homens e coisas. As relações sociais, a ordem social, a instituição não são feitas pelo homem; são a ele superiores, esmagando-o, inflexivelmente. Ocupam as zonas daquela natureza que Brás Cubas sentiu no delírio, antes de entrar no país não descoberto. "Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrepito dos seres. . . . Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que

ora mordida a víscera, ora mordida o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das cousas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão". Sociedade ou natureza — tudo o que, exterior ao homem, lhe governa os sentidos, a imaginação, os instintos, reduzem-no a um chocalho que ri e sofre. Na visualização do problema social, bem verdade, a natureza se transmuta em sociedade; há grande progresso na perspectiva do moralista, agora vizinho do historiador e do sociólogo. Mas a essência é a mesma, composta de fatalidade, sem que a mão do homem teça a história, entidade estranha, devoradora, impotente. Esse passo — da natureza à história — somente podia ser inspirado por quem visse a tragédia do escravo, a ele próximo pelo sangue, impotente para intervir no seu destino. Há, na sutil mudança de ângulo, o calado protesto das lamentações inúteis, refugiadas no conformismo, que se exprimem na descrição minuciosa do sofrimento do escravo, de suas falsas alegrias, onde o leitor menos generoso poderá vislumbrar algum retalho de sadismo. Reside aí, nesse sentimento de impotência e na inelutável avalanche que desaba sobre o homem, o senso trágico da existência, que impregna a arte de Machado de Assis. Enquanto o homem se agita, esperneia e geme, "outro tecelão maior, mais alto ou mais fundo e totalmente invisível compõe os fios de outra maneira, e com tal força que não podemos desfazer nada". A concepção da história do século XIX, da qual o romancista se abeberou largamente, frequentando Comte e Spencer, parece legitimar o fatalismo, dourado cientificamente de naturalismo, com seus imperativos inexoráveis e leis necessárias.

Filho dessa óptica é o escravo de Machado de Assis: conformado à sorte, escravo também nos sentimentos que refletem as alegrias e as tristezas do senhor, obediente. Alguns fugiam, muitos bebiam, havia os vadios e os viciados. "Há meio século — escreveria em 1905 —, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas prerendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento de propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor

que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando". A regra não era esta: o escravo, vinculado a uma família, nela se absorvia, não resignadamente, pois resignação supõe revolta íntima, mas com o aniquilamento da personalidade. Mesmo liberto (como o Raimundo de Iaiá Garcia), conservava a comunhão aos senhores, sem reservas, sem a amarga reação de haver sacrificado o destino individual. Os exemplos são muitos: o compositor Romão Pires tem no pai José, ex-escravo, "a sua verdadeira mãe". A senzala provocara na dedicação ao dono emulações de afeto. "Dos próprios escravos não obteve Helena desde logo a simpatia e boa vontade; esses pautavam os sentimentos pelos de D. Ursula. Servos de uma família, viam com desafeto e ciúme a parenta nova, ali trazida por um ato de generosidade. Mas também a esses venceu o tempo. Um só de tantos pareceu vê-la desde princípio com olhos amigos; era um rapaz de 16 anos, chamado Vicente, cria da casa e especialmente estimado do conselheiro. Despido de interesse, porque a esperança da liberdade, se a podia haver, era precária e remota, a afeição de Vicente não era menos viva e sincera; faltando-lhe os gozos próprios do afeto, — a familiaridade e o contacto, — condenado a viver da contemplação e da memória, a não beijar sequer a mão que o abençoava, limitado e distanciado pelos costumes, pelo respeito e pelos instintos, Vicente foi, não obstante, um fiel servidor de Helena, seu advogado convicto nos julgamentos da senzala". A fina mão de Machado de Assis distingue bem, com intencional clareza, a distância do servo e da família do senhor — estava o escravo longe da familiaridade e do contacto, recebia e dava afeição, sem receber amizade. Os escravos de Santos (Esaú e Jacó), espelho de seus sentimentos, viveram a recente baronia, alegres com a alegria do senhor.

A liberdade, sente-o Machado de Assis, não emancipa o escravo. Mas há grande diferença entre o escravo e o liberto. O liberto adquire a condição, embora mínima e limitada, de transferir os agravos recebidos, as pancadas sofridas, a outrem. A alforria significa uma ascensão social: galgado o primeiro degrau, o homem sai da condição de saco de afrontas, para o qual não há a possibilidade de reação. A liberdade se identifica com o status na sociedade, acrescido do arbítrio de castigar, repreender e punir. O liberto adquire a faculdade de ser mau — faculdade que a escravidão lhe negava. O menino Brás Cubas dá a medida da passividade que se esperava do escravo, passividade como matéria-prima da afeição, lealdade e dedicação aos senhores. A pancada, a injustiça, o castigo não geram o ressentimento, o desejo oculto de vingança adiada. O escravo se conforma à sorte, sem maldizê-la, submerso num mundo que não lhe permite esperanças, senão as recompensas depois da morte, no reino da bem-aventurança. Ele, ao contrário do negro importado, com a consciência recente da liberdade, capaz de lhe animar a fuga, afeiçãoou a vida à escravidão, sem referência a nenhum valor que lhe inspirasse a revolta ou o mere protesto. . . .



LIMA BARRETO: A TRAGÉDIA DA COR

Gregory Rabassa

O fato de ser mulato e de escrever sobre suas próprias experiências tristes garantiu a Lima Barreto uma posição ímpar entre os escritores que falaram da vida do negro no Brasil. Em romances de escritores brancos onde aparecem negros, como os de Jorge Amado, nota-se grande simpatia e apoio, enquanto que no caso de Lima Barreto surge um tom de pessimismo. Jorge Amado critica e diz que esses problemas serão resolvidos pela adoção de certas medidas políticas e sociais. Como branco, apesar de sua simpatia pelos negros, ele se coloca numa posição em que sua mente não se viu torturada por acontecimentos que o envolvessem diretamente, de modo que, para ele, as possibilidades de melhoria ainda podem ser alcançadas. Lima Barreto, de certo modo, não tem mais esperanças de que qualquer melhoria ainda o alcance em vida, e pode apenas apontar o que está errado e, talvez por ironia, desestimula os que procuram condições melhores. Essa ironia acompanha toda sua obra, seja quando trata dos problemas raciais, ou de outros aspectos do Brasil, sobre os quais escreveu. Não é menos cético quanto ao futuro do sistema político no Brasil, e suas descrições do mundo jornalístico estão longe de

serem lisonjeiras. Apesar disto, suas observações sobre a questão racial são as mais contundentes e amargas, já que esse era o problema que automaticamente o afetava mais. Era um problema que nascera com ele e o determinismo desse pecado original, como o chamou, levou-o ao alcoolismo e a uma morte prematura, e impressionou tanto suas idéias que ele viu outros problemas do mesmo ângulo pessimista.

As observações acuradas de Lima Barreto não fazem dele o romancista folclórico ou regional. Suas estórias se passam no Rio de Janeiro e ele é, de certa forma, o melhor cronista da vida na capital desde Machado de Assis mas, como este, suas narrativas são, na verdade, estudos sobre as razões íntimas do ser humano. Assim, alguns de seus romances tratam da questão racial e, em outros, esse aspecto tem pouquíssima importância. Além de suas origens raciais, deve-se também levar em conta o ambiente de sua infância. Seu pai, empregado de um sanatório, terminou sua vida como indigente, terrível ironia que bastante impressionou o filho. O fato de seu irmão ter ficado perturbado mentalmente deu a Lima Barreto um certo sentimento de predestinação de que não conseguia livrar-se

e que justifica sua inclinação para a bebida. Assim, temos um homem que reconheceu sua própria superioridade pela ascensão racial e foi derrotado por se considerar inevitavelmente destinado à loucura. Sua melhor defesa era a ironia.

No entanto, os personagens negros nem sempre são afetados por esta depressão mental, havendo certas figuras que são exemplos do que o negro pode ser, e de como ele merece melhor destino. Em **Clara dos Anjos** observamos uma família negra de baixa classe média que atravessa diversos problemas pela necessidade do negro de lutar para preservar sua dignidade humana. Essa estória lembra o romance **A Vida Continua**, de Ribeiro Neto, e a figura do negro que atingiu uma posição que parece além de suas possibilidades e as dificuldades que tem de manter para sustentar sua posição social no mesmo nível que a sua posição oficial. Em **Gonzaga de Sá** vemos um outro aspecto da questão. Aqui, Lima Barreto mostra como negros e brancos podem viver em perfeita harmonia e respeito se forem inteligentes em suas relações. Esses são apenas detalhes, no entanto, e o tom dominante parece ser o de **Isaías Caminha**, uma espécie de conselho, dizendo que se deve estar preparado para lutar contra as forças do preconceito, não para ter como prêmio o sucesso, mas numa mera tentativa de preservar a própria integridade. Em **Numa** e a **Ninfa**, sua sátira mais aguda, parece que ele abandonou qualquer esperança de sucesso e aperfeiçoamento. E assim morreu, nem mesmo conquistando o lugar que lhe era devido na literatura brasileira. Em conclusão, o retrato do negro na obra de Lima Barreto é muito enriquecido pelas experiências do autor e é, de certa forma, um retrato pessoal, ao mesmo tempo que uma descrição do seu meio ambiente, feita por um observador muito inteligente.

Do livro *O Negro na Ficção Brasileira*, de Gregory Rabassa, tradução de Ana Maria Martins para as Edições Tempo Brasileiro, foi tirado o trecho aqui reproduzido.



Nome: Afonso Henriques de Lima Barreto.

Idade: 33 anos — Estado civil: solteiro.

Nacionalidade: brasileira. — Profissão: empregado público.

Entrada: em 18 de agosto de 1914.

Diagnóstico: Alcoolismo.

Inspecção geral:

O nosso observado é um indivíduo de boa estatura, de compleição forte, apresentando estigmas de degeneração física. Dentes maus; língua com acentuados tremores fibrilares, assim como nas extremidades digitais.

Exame da motilidade:

Marcha normal.

Exame da sensibilidade:

Íntegra.

Exame de reflexos:

Plantares diminuídos, patelares, cremas-térico e aquileus presentes, abdominais exaltados. As pupilas em miósis não reagem à luz, reagindo lentamente à acomodação.

Aparelho digestivo:

normal.

Aparelho circulatório:

normal.

Aparelho respiratório:

normal.

Aparelho geniturinário:

normal — Está atualmente com blenorragia.

Reação de Wassermann:

no soro sanguíneo: positiva.

no líquido céfalo-raquidiano: negativa.

Em 25 de agosto de 1914

(a) M. Pinheiro

Exame do líquido céfalo-raquidiano:

Linfocitose: negativo.

Reação de Nonne: negativa.

Albumina: 2 divisões do tubo de Nissl.

Pressão: 20 mm Hg (F).

Em 22 de agosto de 1914.

Comemorativos de família:

Quanto aos antecedentes de família, informa que sua mãe morreu tuberculosa: o pai vivo goza saúde e é robusto. Tem três irmãos fortes. Informa depois que seu pai sofre neurastenia.

Comemorativos pessoais e de moléstia:

Cópia da guia policial: — "Nada informa aos antecedentes de hereditariedade. Acusa outros no rapto de manuscritos. Acusa insônias, com alucinações visuais e auditivas. Estado geral bom. Boa memória." Já teve sarampo e captopora, blenorragia, que ainda sofre e cancro venéreos. Confessa-se alcoolista imoderado, não fazendo questão de qualidade. Está bem orientado no tempo e meio. Memória íntegra; conhece e cita com bastante desembaraço fatos das histórias antiga, média, moderna e contemporânea, respondendo às perguntas que lhe são feitas, prontamente. Tem noções de álgebra, geometria, geografia. Nega alucinações auditivas, confirmando alucinações visuais. Associação de idéias e de imagens perfeitas, assim como perfeitas são a percepção e atenção. Cita seus autores prediletos que são: Bosset, Chateaubriand "católico elegante" [sic], Balzac, Taine, Daudet; diz que conhece um pouco de francês e inglês. Com relação a esses escritores faz comentários mais ou menos acertados; em suma, é um indivíduo que tem algum

DIAS DE HOSPITAL

Laudos médicos do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto

conhecimento e inteligente para o meio em que vive. Interrogado sobre o motivo da sua internação, refere que, indo a casa de um seu tio em Guaratiba, prepararam-lhe uma assombração, com aparecimento de fantasmas, que aliás lhe causam muito pavor. Nessa ocasião, chegou o tenente Serra Pulquério, que, embora seu amigo de pândegas, invejou-o por saber que preparava panfletos contra seus trabalhos na Vila Proletária Marechal Hermes. Tendo ele negado, foi conduzido à polícia, tendo antes cometido desatinos em casa, quebrando vidraças, virando cadeiras e mesas. A sua condução para a polícia só se fez mediante o convite do comissário que lhe deu aposento na delegacia até que transferiram-no para a nossa clínica. Protesta contra o seu "seqüestro", pois vai de encontro à lei, uma vez que nada fez que o justifique. Nota de certo tempo para cá animosidade contra si, entre os seus companheiros de trabalho, assim como entre os próprios oficiais do Ministério da Guerra de onde é funcionário. Julga que o tenente Serra Pulquério teme a sua fama "ferina e virulenta", pois, apesar de não ser grande escritor nem ótimo pensador, adota as doutrinas anarquistas e quando escreve deixa transparecer debaixo de linguagem enérgica e virulenta os seus ideais. Apresenta-se relativamente calmo, exaltando-se, contudo, quando narra os motivos que justificaram a sua internação. Tem duas obras publicadas: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Memórias* [sic] do *Escrivão Isaías Caminha*.

Marcha da moléstia e tratamento:

Purgativo — Ópio.

Saída:

Transferido em 27 de agosto de 1914.

2.ª Entrada:

Nome: Afonso H. de Lima Barreto.

Cor: parda — Idade: 38 anos —

Nacionalidade: brasileira.

Estado civil: solteiro. — Profissão:

Jornalista.

Entrada: em 25 de dezembro de 1919.

Saída: Transferido em 26 de dezembro de 1919.

Diagnóstico: Alcoolismo.

Confere com o original. L. Ps. da U.B.

Em 14 de maio de 1948.

(as): Cecília de Oliveira Rocha.

Auxiliar de Escrição.

Hospício Nacional de Alienados

Nome — Afonso H. de Lima Barreto.

Filiação —

Idade — 34 anos. [sic].

Raça — Parda.

Nacionalidade — Brasileira.

Naturalidade — Carioca.

Religião —

Profissão — Escritor.

Estado Civil — Solteiro.

Instrução —

Classe — D. F.

Número Geral —

Número do Ano —

Livro de Matrícula —

Enviado — pela Repartição Central de Polícia.

Premissas Legais de Internação:

(Do Pavilhão de Observações ou certificados médicos, datas, autores).

Em branco.

Permanência Anterior, Data e Diagnóstico.

Saída — Transferido para a Secção Calmeil em 29-12-1919.

Anamnese

É um indivíduo precocemente envelhecido, de olhar amortecido, faces de bebedor, regularmente nutrido.

Perfeitamente orientado no tempo, lugar e meio, confessa desde logo fazer uso, em larga escala, de parati; compreende ser um vício muito prejudicial, porém, apesar de enormes esforços, não consegue deixar a bebida.

Por este abuso já passou certa vez três meses no Pavilhão, o que, entretanto, nada adiantou, voltando desde a saída a embriagar-se. Informa que as suas perturbações quando aparecem são em forma de delírios, sempre conseqüentes a um abuso mais forte e mais demorado.

Foi o que sucedeu desta vez, alarmando um seu irmão, que julgou conveniente a sua internação, apesar de seus protestos.

Indivíduo de cultura intelectual, diz-se escritor, tendo já quatro romances editados, e é atual colaborador da *Careta*.

Fala em seus últimos delírios, reconhecendo perfeitamente o fundo doentio deles, e diz-se certo que tal só sucedeu graças às suas perturbações mentais.

Estes delírios que são facilmente descritos pelo paciente são de caráter terrificante, perseguidor, etc.

Geralmente a amnésia em relação às fases de embriaguez é completa, porém estes últimos delírios, segundo o próprio, passaram-se sem que estivesse em completo etilismo, motivo por que é capaz descrevê-los.

Mãe falecida tuberculosa. Pai vivo, aposentado no serviço da administração das Colônias de Assistência a Alienados; há 18 anos não sai de casa, preso de psicastenia ou lipemania, como informa o examinado.

São notáveis os tremores fibrilares da língua e das extremidades digitais apresentados pelo paciente, bem como abalos e tremores dos músculos da face, momentaneamente quando fala. Palavra algo arrastada e meio entolada, certas vezes. Teve blenorragia e cancro mole, icterícia e febres palustres.

26-12-19

NOTA — Merece assinalar que o paciente, referindo-se ao seu escrito a sair sábado, 27, na Careta, tendo sido feito há apenas 15 dias, está para ele completamente esquecido. Foi elaborado quando em estado de leve embriaguez.

Diagnóstico:

Alcoolismo.

Prognóstico:

Em branco.

Tratamento:

Purgativo. Poção gomosa de ópio. Secção Pinel do Hospital Pedro II. Livro de Observações n.º 64 (4-10-1919 — 21-1-1920), pp. 144 e segs. (Dr. José Carneiro Airosa).

Hospício Nacional de Alienados

Nome — Afonso Henrique [sic] de Lima Barreto.

Filiação —

Idade — 33 anos [sic].

Raça — Parda.

Nacionalidade — Brasil

Religião —

Profissão — Empregado público.

Estado Civil — Solteiro

Instrução — Boa.

Classe — 4a.

Número Geral —

Número do Ano —

Livro de Matrícula —

Enviado — pela família.

Premissas Legais de Internação:

(Do Pavilhão de Observações ou certificados médicos, datas, autores).

Em branco.

Permanência anterior, data e diagnóstico:

Entrada na secção: 27 de agosto de 1914 (de permanência atual).

Saída: 13 de outubro de 1914 (Alta a pedido).

Transferido da S. Pinel, em 29 de dezembro de 1919.

Anamnese:

Este doente foi internado quando o alienista que dirige a Secção Calmeil e escreve estas linhas se achava em gozo de licença. Não o vi, portanto. Estou porém informado de que no Pavilhão de Observações, onde permaneceu cerca de um mês, teve o diagnóstico de alcoolismo.

O inspetor desta Secção conheceu seu pai, que era administrador das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. Informa que este senhor fazia uso excessivo de bebidas alcoólicas, apresentando humor irascível e taciturno. Consta-nos ainda que o progenitor do observado se acha agora em avançado estado de demência.

O observado Afonso Henrique [sic] goza nos meios literários da reputação de

um escritor talentoso e forte, cheio de mordacidade. Aliás, alguns de seus trabalhos evidenciam esses méritos de escritor. Parece que nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes.

Exame direto:

Em branco.

Diagnóstico:

Alcoolismo.

Prognósticos:

Em branco.

Tratamento:

Em branco.

Secção Calmeil do Hospital Gustavo Riedel.

Livro de Observações n.º 9, pp. 76 e segs.

Cópia da Observação de Afonso Henriques de Lima Barreto, Constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

REPÚDIO ÀS CONCESSÕES

Carta a Monteiro Lobato em 4 de janeiro de 1919

Meu caro Lobato:

Recebi as primeiras provas impressas. Fi-las ler por um amigo, aquele a quem o livro é dedicado (1). Julgo não ser necessário mais revisão da minha parte, podendo ela ser feita aí por V. mesmo. O indispensável é atender bem as emendas que fiz nas provas, digo, na cópia datilografada, o que só pode ser feito por quem se disponha de paciência e carinho. V. está nos casos. Muito obrigado pelas referências aos meus broquéis; e, embora o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo.

Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele já não se tem na conta de homem de letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de Estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui — muitas das quais, como ele, escondem a mãe ou o pai. É por causa dessa covardia idiota que "essa coisa" não acaba...

Digo as daqui, porque são as que eu conheço, na montra da Rua do Ouvidor, e nos cochichos dos cafés, chopes e confeitarias.

Lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas só conhecem a literatura do seu tempo por aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio, etc. etc.

Com a formidável venda que o livro de V. tem tido aí, parece que lá a coisa é diferente. Nunca supus assim São Paulo. Penitencio-me!

O meu Policarpo do qual tirei 2.000, há dois anos, está longe de esgotar-se, apesar de tê-lo vendido (a edição) quase pelo preço da impressão.

A D. Albertina Berta, foi mais feliz e a D. Gilka Machado, com os seus livros de versos, a 5\$000 a plaquete, ainda mais.

Isto dá a medida da inteligência do leitor do Rio. Há uma coisa que ele pede ao autor: posição. Austregésilo pode escrever a maior tolice, seja sobre Mecânica Celeste, ou sobre a cura da Bouba

nas galinhas, que se venderá fatalmente. Haja visto o sucesso do Nilo com as suas "Impressões". Além disto, uma outra coisa influi poderosamente no sucesso do livro: a tendência erótica, com uma falta total de pensamento próprio sobre as coisas e homens do meio. O leitor carioca não quer julgamento...

O leitor comum do Rio, ou a leitora, não sabe ver Amor senão no livro em que ele aparece em fraldas de camisa.

Incapaz disso, pois respeito e tenho muito medo de semelhante Deus, procurei empregar a violência, a análise cruel e corajosa, para ser veículo das minhas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade, de forma a não morrerem meus livros nas livrarias. É defeito que neles eu reconheço, mas era preciso. Estou falando muito de mim. Adeus.

Lima Barreto.

(1) Antônio Noronha dos Santos.

Solano quer dizer “vento forte da África”. Mas Solano Trindade, que nasceu no início do século no bairro de São José, no Recife, numa casa onde “todos são pretos”, não lembra, fisicamente, um vento forte. “Parece, quando anda, que desliza pelas nuvens de tão manso que vai. Se lhe pusessem uns óculos e lhe enrolassem o corpo em pano branco, cá teríamos um Gandhi”, como o descreveu Miécio Tati.

Mesmo discordando do exagero de alguns companheiros, que chegavam a propor uma espécie de “racismo negro”, Solano Trindade, filho de uma “operária cigarreira, nascida de índio e africano”, e de um pai “sapateiro, nascido de branco e africano”, foi, através de infatigável atividade cultural, um dos maiores propagadores das causas negra e popular no Brasil.

“...O negro brasileiro tem hoje em você o seu grande intérprete lírico. Sua poesia de fundo folclórico e social é o complemento indispensável à obra dos sociólogos brasileiros e negros...” (Isso está na carta que lhe enviou Artur Ramos, autor de “O Negro no Brasil”, em 1945.)

Como poeta, Solano Trindade, autor de “Poemas Negros” (1936), “Poemas duma Vida Simples” (1944), “Seis Tempos de Poesia” (1960) e “Cantares ao Meu Povo” (1962), tinha uma consciência clara do que fazia:

“...Sem querer discutir o valor dos herméticos, concretistas, neoconcretistas, dadaístas, etc. (eruditos donos da cultura ocidental) prefiro levar ao meu povo uma mensagem em linguagem simples, em vez de uma mensagem cifrada para um grupo de intelectuais.

Tenho pelos homens de cultura uma grande simpatia, sejam modernos ou acadêmicos; tenho aprendido muito com todos eles, através dos seus livros e das suas conversas. Porém, a minha poesia continuará com o estilo do nosso populário, buscando no negro o ritmo, no povo em geral as reivindicações sociais, e nas mulheres, em particular, o amor...”

Solano levou essa mensagem numa atividade de 40 anos. Em 1933, participa do I e II Congresso Afro-Brasileiro, no Recife e em Salvador e, três anos depois, é um dos fundadores do Centro de Cultu-



VENTO FORTE DA ÁFRICA

ra Afro-Brasileiro. Naquela época, o Centro dizia:

“Não faremos lutas de raças, porém, ensinaremos aos nossos irmãos negros que não há raça superior nem inferior...”

Em 1940, em Pelotas, Solano idealiza um Grupo de Arte Popular, sua primeira tentativa de criar um teatro do povo, frustrada pela enchente de 1941, que carregou todo o material de que dispunham. Em 1945, no Rio, ajuda a fundar o Comitê Democrático Afro-Brasileiro e, em seguida, a famosa “Brasileira”, da qual se afastaria depois porque achava que o grupo tinha se estilizado e perdido sua autenticidade. Desde 1942, com uma pasta de poemas debaixo do braço, e com muitos planos sobre movimentos artísticos, Solano era um dos frequentadores mais populares do Café Vermelho, no Rio.

Em 1949, junto com sua mulher Margarida e o sociólogo Édson Carneiro, Solano Trindade lança finalmente o Teatro Popular Brasileiro (TPB), cujo objetivo era “pesquisar nas fontes de origem e devolver ao povo em forma de arte”. O elenco era formado de domésticas, operários, estudantes e comerciários.

Em sua casa em Caxias, no Estado do Rio — “moro numa ilha cercada de botecos por todos os lados”, brincava Solano — foram dados os primeiros espetáculos do TPB, que atraíram turistas estrangeiros, embaixadores, artistas e jornalistas. Com seus batuques,lundus, caboclinhas, jongos, moçambiques, congadas, caxambus, capoeiras, maracatus, sambas de umbigada, sambas de baiano, guerreiros, folia de reis, candomblé, dança de fitas, etc., o grupo realizou espetáculos especiais para companhias estrangeiras e viajou pela Europa. Entre as companhias estrangeiras que vieram a Caxias estavam a Comédie Française, Jean-Louis Barrault, Ópera de Pequim, Cia. Italiana de Comédia, etc.

Solano dizia que o TPB “não pode ser confundido com um simples grupo de dança, nem escola de samba, nem macumba, nem ballet negro exótico — é uma associação cultural de homens de todas as cores, interessada em trabalhar por uma arte baseada nas tradições do nosso povo”.

Em 1961, Solano apaixonou-se pela cidade de Embu (SP), os espetáculos que o grupo aí realiza começam a atrair milhares de turistas, e o lugar torna-se conhecido até no exterior. Aborrecido, porém, com a comercialização que invade essa cidade colonial, Solano Trindade se retira. Em 1969 cai doente, passa por asilos, hospitais, casas de saúde (com intervalos na casa de sua filha Raquel). E “este negro feio, de beijo grande” — como era a zombaria que seu Gregório lhe fazia, em criança —, poeta, pintor, teatrólogo, ator, escritor e folclorista, morreria em 1973, no bairro de Santa Teresa, no Rio, assistido pela primeira mulher, Maria Margarida, e pela filha Godiva.

Em carta que lhe enviou em 1946, o pensador francês Roger Bastide dizia a Solano:

“Seus poemas prolongam uma rota que o senhor inaugurou no Brasil. Talvez possam lhe reprochar uma certa limitação do vocabulário e do ritmo; mas o que para alguns críticos é um defeito, para outros — para os que vêem na poesia uma “mensagem” — será, ao contrário, uma qualidade (...) O senhor faz dos seus versos uma arma, um toque de clarim, combate por um mundo melhor...”

TRÊS
POEMAS
DE
SOLANO
TRINDADE

REINCARNAÇÃO

Eu nasci
No início do século
(Revolução Operária)
Nasci no Bairro de São José
Recife Pernambuco Brasil

D. Micaela
Foi a parteira que me pegou
E anunciou o meu sexo
Homem!

A minha mãe
Foi operária cigarreira
Da Fábrica Caxias
Nascida de índio
E africano...

Meu pae
Foi sapateiro
Especialista em Luiz XV
Nasceu de branco e africano
Sabia falar em nagô

Meu pae era prêto
Minha mãe era preta
todos em casa são prêtos

Minha mãe não sabia ler
E meu pae era semi alfabetizado

Minha mãe sabia rezar
Meu pae sabia rezar
Meu pae depois foi macumbeiro
(Macumbeiro é um espírita de côr preta)

Branco espírita é espiritualista
Que fica esperando a reencarnação
Não luta por nada
Não quer revolução
Nem por evolução
Não quer ação
Quer reincarnar
Na outra vida
Quer reincarnar diferente
Se fôr mulher
Quer voltar homem
Se fôr homem
Quer voltar mulher
Se fôr empregado
Quer voltar patrão
Quer reincarnar
Para se acomodar...
Intelectual se acomoda sem reincarnar
É mais fácil
Dependendo do emprego que arranjar...

fevereiro de 1967

INTERROGAÇÃO

QUANDO PARAREI DE AMAR COM
[INTENSIDADE?
QUANDO DEIXAREI DE ME
[PRENDER AOS SÉRES E COISAS?

QUANDO ME LIVRAREI DE MIM?
DO QUE SOU, DO QUE QUERO,
[DO QUE PENSO?

QUANDO DEIXAREI DE PRANTEAR?

NO DIA EM QUE EU DEIXAR
[DE SER EU,
NO DIA EM QUE EU PERDER A
[CONSCIENCIA
DO MUNDO QUE IDEALIZEI...

NESTE DIA...

EU SORRIREI SEM SABER DO
[QUE SORRIO.

Embu, 1970

EU GOSTO DE
LER GOSTANDO

EU GOSTO DE LER
[GOSTANDO,
GOZANDO A POESIA,

COMO SE ELA FOSSE
UMA BOA CAMARADA
DESSAS QUE BEIJAM A GENTE
GOSTANDO DE SER BEIJADA.

EU GOSTO DE LER GOSTANDO
GOZANDO ASSIM O POEMA,
COMO SE ELE FOSSE
BOCA DE MULHER PURA
SIMPLES BOA LIBERTADA
BOCA DE MULHER QUE
[PENSA...
DESSAS QUE A GENTE GOSTA
GOSTANDO DE SER GOSTADA.

Foi mantida a grafia original dos três poemas. Todos eles são inéditos. "Interrogação" foi o último que Solano escreveu.

CAMÕES/LAMPIÃO

Sérgio de Castro Pinto

1. camões ao habitar-se
no olho cego
sentia-se íntimo,
mais interno
que o habitar-se
no olho aberto.
2. lampião ao habitar-se
nos dois olhos
a eles dividia:
o olho aberto matava
e o outro se arrendia.
3. camões ao habitar-se
no olho cego
polia as palavras
e usava-as absorto
como se apalpassem
e possuísse o próprio corpo.
4. lampião ao habitar-se
no olho cego
chorava os mortos
do seu interno
mas o olho aberto
era casto
e via no matar
um gesto beato.
5. camões ao habitar-se
no olho aberto
via-se todo ao inverso
(pelo lado de fora)
mas rápido se devolvia
e fechava o olho aberto
pra ser total a miopia.
6. lampião ao habitar-se
no olho murcho
via o olho aberto
estrábico e rústico
e compreendia
o olho aberto
mais murcho
que o olho cego.
7. camões ao habitar-se
no olho murcho
via o mundo claro
dentro do escuro
e o olho aberto
era inútil
ao habitar-se
no olho murcho.
8. lampião
atrás dos óculos
sentia-se acrescido, somado
e era mais lampião
naqueles óculos de aro.
9. os óculos
lhe eram binóculos
íntimos sobre a miopia
e quando os óculos tirava
lâmpião se decrescia:
o olho cego somava
e o aberto diminuía.
10. camões molhava a pena
como se no tinteiro
molhasse o olho cego
e tateando, cuidadoso
saía do seu interno
11. (no tinteiro as palavras
em forma líquida
juntam-se uma a uma
à retina, à pupila).
12. camões
escrevia com o olho cego
por senti-lo mais seu
que o olho aberto
e por poder o olho cego
infiltrar-se, ir mais dentro
e externar o seu inverso.

Sérgio de Castro Pinto, paraibano da capital, tem dois livros publicados — “Gestos Lúcidos” e “A Ilha na Ostra” — e edita o Caderno 2 do jornal A União, de João Pessoa. Em 1972, com 25 anos, recebeu um dos prêmios do Concurso Nacional de Contos do Paraná.



CARTA PARA SANDRA, UMA PESSOA QUERIDA

Fernando Rios

"A Noite dos Homens" e "O Caos" (em parceria com José Renato de Pimentel e Medeiros) são os livros que o paulista Fernando Rios, 32 anos, publicou em Belo Horizonte, onde viveu muito tempo. Fernando, jornalista, está preparando novo livro de poemas.

I

- 1 eu tenho gelo sob os pés
e gelo à esquerda
gelo à direita
gelo sobre minha cabeça
tenho gelo
e um coração

tenho um coração real
- 2 tenho a forma do mundo
tenho a forma que molda o mundo
tenho eu frente a mim
e tenho o mundo pedindo que eu exista
tenho a vontade de estar no mundo
e uma vontade

tenho uma vontade real
- 3 tenho meus olhos para ver o gelo sobre o mundo
tenho meus olhos bem abertos que percorrem todos os espaços que meus pés
[percorrem
tenho meus olhos pedindo que eu veja como o mundo é grande e às vezes não
[sabe o que faz
tenho meus olhos compondo uma canção junto com a paisagem que eles vêem
tenho meus olhos olhando
e dois olhos

tenho dois olhos reais
- 4 tenho dez dedos para tocar todas as faces
tenho dez dedos sensíveis que podem olhar no escuro o sorriso perdido que passa
tenho dez dedos que podem sair de mim e tocar o gelo e tocar o mundo
tenho dez dedos / ânsia de compor uma paisagem feita refeita posta composta
[decomposta
tenho dez dedos longos bastante para tocar o monge tibetano
tenho dez dedos prontos
e dez dedos

tenho dez dedos reais
- 5 tenho um corpo
tenho um corpo que caminha a neve do mundo
e carrega meus olhos sensíveis
e carrega meus dedos sensíveis
e carrega meu coração
tenho um corpo que balança ao vento
tenho um corpo imenso que cobre o mundo inteiro corpo a corpo
tenho um corpo para ser tocado
tenho um corpo que ocupa lugar no espaço
um corpo

tenho um corpo real

6 esta é uma parede
esta é uma parede que pode estar diante do meu corpo
esta é uma parede ah! parede
esta é uma parede que meus dedos longos e sensíveis não tocam
esta é uma parede que a neve não cobre nem o mundo sabe que ela existe
esta é uma parede

esta é uma parede real

7 este é um ato
este é um ato de estar diante de
este é um incômodo ato
este é um ato momento agora
este é um momento
este é um ato
este é um momento

este é um momento real

II

1 e não existe um mundo
onde eu não possa estar longe de meus dez dedos sensíveis
nem longe dos meus olhares alongados
nem longe de meu corpo que aderna

e não existe um mundo
onde eu não possa estar longe de meu coração real

2 neste momento estou só
e a guerra é aqui dentro lá fora
e eu esqueci as armas na infância

O CORAÇÃO ABSOLUTO EM CANTEIROS & NAVALHAS

Roberto Piva & Henrique Carneiro

Roberto Piva, paulista de Brotas, tem um livro publicado, "Paranóia". Henrique Carneiro mora em Atibaia, interior de São Paulo.

montanhas em teus olhos & eu estou na lua
nos sonhos do inverno onde os telhados
suspiram sempre & começamos a dançar
vi estupros cometidos nas avenidas lúbricas
falcões são estrelas dum arco-íris espantoso
agora minha alma desmaia & rodopia como um urso
na ponta da corda bamba & mergulho
no momento cordial da vida &
suas brisas sempre renovadas
caramuru endoideceu, qual filosofia
clamaremos para acalmá-lo?
deus, ó deus afunde-se nestes lagos e lagunas capciosas
olho pela janela da confeitaria vienense &
suspeito de nadar no aquário sem fundo do mundo
o pentagrama começa no outono do meu sexo

[enlouquecido
entre baforadas de charutos e espécimes raras
nós fomos escolhidos para enlouquecer juntos &
a madrugada volta sempre com eros na boca e suas

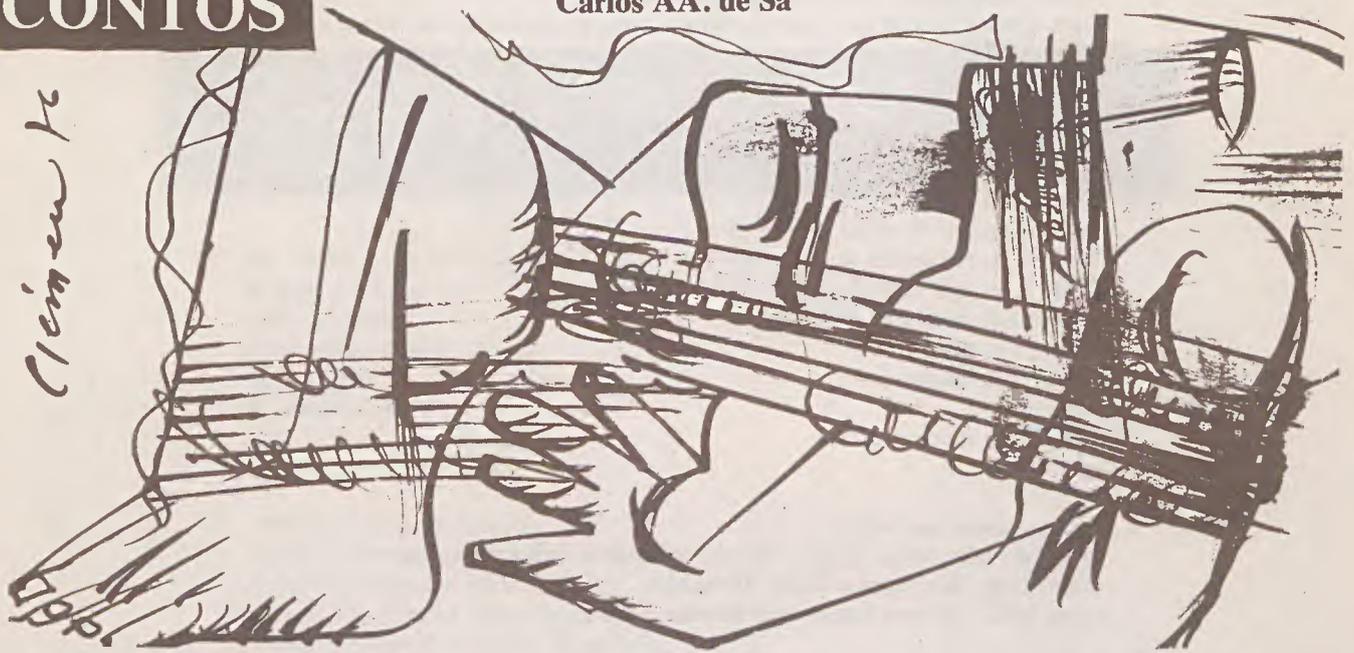
[saturnais
cu de anjo rebelado, ouça meus brados & lance
visceralmente seu vômito de purpurina
eu o escuto & admiro, criador das coisas e do erro.

NOVOS: CONTOS

NO LAR

Carlos AA. de Sá

Clair em Kc



Da cozinha Maria Antônia berrou:
— O Amaro, vai me usar hoje?

Ela não vira os homens chegar. Haviam se sentado em silêncio para tratar de assunto misterioso e faziam o mínimo barulho. Por isso repetiu, deixando o marido cada vez mais contrafeito:

— Vai ou num vai, homem?

Ele queria mandá-la calar a boca, avisar que tinha estranhos em casa, mas não teve tempo. Insensível ela concluiu:

— Então vou lavar só os pés.

Um dos homens, que até então procurava conter o riso, explodiu numa gargalhada retumbante e um outro murmurou, enojado:

— Além de tudo é porca.

Maria Antônia tomou um susto ao ouvir a gargalhada, sentiu-se desfalecer de vergonha e num gesto impensado entrou no quarto e enfiou-se embaixo da cama. Ali, entre penicos e chinelos, foi tomada de tremedeira como se estivesse com febre.

Amaro, por sua vez, havia perdido a voz. A gargalhada escachoava na sua cabeça, carregando a frase “além de tudo é porca” como uma bandeira desfraldada no alto de seu cocuruto. Que fazer, que fazer? Os olhos baixos viram o cachorro deitado sob a cadeira e o pé nervoso deu-lhe um chute tão violento que jogou-o no colo de um dos visitantes. Espavorido o cachorro mordeu o homem, que saltou da cadeira gritando e saiu feito um louco pela porta. O outro já não ria mais, embora a lembrança da gargalhada ainda fizesse Maria Antônia bater os queixos e o marido sacudir a cabeça com vigor para jogar fora o som repetido, borbulhante. Precisava fazer mais alguma coisa antes que eles se fossem, qualquer coisa, nem que fosse o ato suicida de degolar a mulher ou estripá-la à vista de todos.

Pensado, executado. Do retrato a óleo de seu avô-general da Guarda-Nacional, retirou a espada coruscante e de seu sangue de holandês cruzado com índia, a determinação. Ao faiscar da espada os

homens se levantaram e como que guiados por um só pensamento saltaram sobre ele e desarmaram-no. Um deles desenvolveu a espada à sua bainha e quem entrou naquela hora não veria razão para a manietação que executaram em seguida, utilizando-se de tiras de brim que rasgavam da calça da vítima. Por fim amordaçaram-no e deixaram-no caído. Um deles, o de olhos mais profundos, cuspiu-lhe na cara:

— Muitos tentaram, nenhum conseguiu.

E se retiraram com dignidade, o último olhando precavidamente para cada canto da casa.

Por horas e horas o silêncio foi total. Chocado com os acontecimentos, Amaro não se preocupou em se libertar e Maria Antônia, certa de que o marido só esperava que ela saísse para agredi-la, ficou quieta e acabou adormecendo. O cachorro, magoado e temeroso, foi deitar-se perto do galinheiro.

Quando a manhã raiou, imaginando que o marido já teria se acalmado e provavelmente também teria dormido, a mulher se arrastou, arriscou uma olhada e não vendo ninguém saiu de seu esconderijo. Por alguns instantes auscultou a casa. Depois, encheu-se de coragem e foi preparar o café. Enquanto a água fervia foi ao banheiro, sempre procurando descobrir onde estaria o marido.

Será que ele saiu e não voltou mais? O coração ficou apertadinho, pensando em quem saldaria as dívidas da venda e como faria para se manter dali por diante. Espiçada pelo novo medo percorreu toda a casa até encontrá-lo.

— Minha nossa! Mataram o Amaro!

Com o grito ele acordou e olhou-a desesperado. Mas ela já havia saído porta a fora, gritando pelos vizinhos. Daí a pouco a sala estava cheia de gente. Na ânsia de ajudá-lo pisaram suas pernas, chutaram suas costelas e para culminar alguém deu-lhe uma cotovelada nos ovos. Impossibilitado de gritar, aturdido pela

dor, tentou pular de lado para se afastar da turba e o máximo que conseguiu foi derrubar uma mulher gorda que lhe caiu sentada sobre os peitos. Perdeu os sentidos com o impacto.

Acordou na sua cama, um cheirinho bom de lençol limpo a acariciar-lhe as narinas. Pela janela aberta via um pedaço de céu de um azul lavado e um galho de tamarineiro. Respirou fundo e doeu-lhe até a alma. Tentou se virar e não conseguiu. Estava deitado sobre o lado direito, as mãos presas nas costas. Haviam se esquecido de desamarrá-lo! Não, não era possível! Nem mesmo a mordaca haviam tirado. Não podia sequer gritar. Sentia as mãos e os pés grossos e entorpecidos, e a cara toda repuxada. Por que será que não o haviam desamarrado?

Uma brisa suave, trazendo o odor de capim cortado, invadia o quarto. Assim como a voz de Maria Antônia cantando enquanto lavava sua roupa. Não conseguia racionar. Daí a pouco sentiu o cheiro de sopa de legumes e percebeu que devia estar na hora do almoço. Como que atendendo a seu chamado, Maria Antônia abriu a porta. Vinha sorridente e trazia um prato fumegante de sopa.

— Ah, já acordou. Que bom! Quer tomar uma sopinha?

Puxou a mesinha de cabeceira e colocou o prato de sopa diante de seus olhos.

— Está uma delícia. Botei tudo que você gosta. Cenoura, chuchu, batata e pedacinho de carne de peito bem gorda. Você vai adorar.

Ele sentia cáibras no estômago e a mordaca molhada de tanta água que lhe vinha à boca. Ela sorriu, afagou-lhe os cabelos e apanhou a colher. Nem chegou a mergulhá-la na sopa e levantou-se. Os olhos dele se esbugalharam.

— Já volto, murmurou ela e saiu.

Tudo lhe doía, o estômago, a boca forçada em demasia, as mãos e pés inchados. Não queria olhar o prato de sopa para não aumentar o sofrimento, mas era impossível evitá-lo. Aquele cheirinho de

licioso entrava-lhe pelos buracos do nariz e ia direto ao estômago. Sentiu ternura pela fumaça que se evolava maciamente.

A porta se abriu. Na posição em que estava não podia ver quem entrara e se assustou quando viu o cachorro a alguns passos de sua cama, pois julgara ser Maria Antônia. O animal olhou-o fixamente, aproximou-se mais, farejou-o e lambeu-lhe a cara várias vezes, apesar de suas tentativas de se afastar. Depois, tranquilamente pôs-se a tomar sua preciosa sopa. Tomado de um acesso de fúria, ele começou a se sacudir sobre a cama. O cachorro, língua ligeira, sorvia a sopa com avidez: lapt, lapt, lapt, o prato ficou vazio e brilhoso. Satisfeito, o animal o olhou agradecido e se retirou. Chorou grossas e sentidas lágrimas.

Mais tarde Maria Antônia voltou. Olhou o prato vazio, sorriu-lhe orgulhosa: — Eu sabia que você ia gostar. Logo mais vou lhe trazer um purezinho de batatas com carniinha moída, conforme o médico recomendou.

Um pouco mais tarde amigos seus vieram visitá-lo. Dona Romancina trouxe-lhe flores e arrumou-as com arte na jarra azul. Perguntaram por sua saúde, comentaram o estranho acontecimento do cachorro ter fugido de casa e outras novidades. Maria Antônia serviu-lhes um generoso café com rosquinhas. Ele fechou os olhos, acharam que havia adormecido e saíram carregando as xícaras e roscas.

Esperou ansioso a hora da janta. Prelibava o macio purê coberto pela carne picadinha, misturada com cebola, tomate e pimentão. As câibras voltaram. E a sensação de inchaço nas mãos e pés. Quando a porta abriu e a mulher entrou, contorceu-se em ânsias. Seu coração batia aceleradamente.

— Chegou o papazinho dele! Olha só que gostosura!

Novamente puxou a mesinha e ali colocou o prato fumegante. Depois sentou-se na beira da cama e alisou os cabelos. Ele fechou os olhos aguardando os primeiros gestos dela. Como demorasse muito abriu-os para vê-la devorar aos bocadinhos o seu jantar. Nova crise o assaltou, mas ela não pareceu percebê-lo. Devagar enfiava a colher naquela maciez e levava o bocado à boca. Um pouco do molho escorria-lhe pelo queixo e com a língua ela o recuperou. Dessa vez seria impossível não desmaiar.

Acordou no dia seguinte sentindo-se um saco. Tudo nele parecia ter inchado, inclusive os olhos. Um cheiro forte de café recém-coado invadiu o quarto. Não, pensou, não. Se não posso comer não quero ver.

E Maria Antônia não lhe trouxe o café. Em compensação trouxe um médico e dois enfermeiros. O médico o olhou sorridente:

— Agora sim, está com outro aspecto. Como é que está se sentindo hoje?

Ele fechou os olhos. Não queria pensar. O médico o auscultou, tirou-lhe a temperatura, examinou-lhe a barriga.

— Ótimo. Podemos tirar as peias.

A um gesto de sua cabeça, os enfermeiros o desamarraram e tiraram-lhe a mordaca. Ele respirou fundo e tentou fechar a boca. Não conseguiu. A boca estava endurecida. Também não conseguiu mover os braços ou as pernas. Continuava na mesma posição em que estava manietado.

— Vamos, incentivou o médico, levante-se daí.

O máximo que pôde fazer foi sacudir a cabeça vigorosamente.

— Não quer? Eu não disse, minha senhora, que ele havia se amarrado espontaneamente? Esse gesto, eu já havia previsto, é a consequência final de uma filosofia de vida.

Amaro o olhava desesperado, tentando falar alguma coisa. O médico o olhava com desprezo.

— Não é o primeiro caso que vejo. Nihilista sem-vergonha. Vai ver ele nem comeu o almoço e a janta.

— Impossível, retrucou Maria Antônia. Eu vi os pratos vazios e havia um restinho de molho no queixo dele.

Amaro não sabia o que pensar. Ou estava mergulhado num longo pesadelo ou todos estavam loucos. Sua mulher sentou-se à cabeceira da cama e alisou-lhe os cabelos com ternura:

— Vamos, meu filho, deixa de história e levante-se daí.

Amaro chorava de ódio, de medo, de impotência. As lágrimas não escorriam pelas faces, ele as sentia descerem, quentes e salgadas, pela sua garganta, o que lhe aumentou o apetite. Tentou novamente fechar a boca ou mover os ombros. Estavam rígidos e inchados. O médico franziu a testa ao sentir seu esforço. Um dos enfermeiros sugeriu:

— Que tal se a gente desse uma ajudinha a ele?

Amaro o olhou agradecido. O médico concordou. Um dos enfermeiros segurou-o pelas axilas e sentou-o.

— Primeiro vamos fechar-lhe a boca, decidiu o primeiro enfermeiro e deu-lhe um soco violento por baixo do queixo. Com o impacto estrelinhas invadiram seus olhos, o lábio inferior chegou-lhe ao nariz e alguns dentes voaram longe.

— Conseguimos, gritou o enfermeiro, sem reparar que o sangue descia pelo queixo magoado.

Maria Antônia o encarava cheia de orgulho. Ele sacudiu a cabeça. O lábio inferior atrapalhava-lhe a respiração, e o sangue adocicava sua boca. Lembrou-se que era diabético, ficou mais apavorado, tentou abrir a boca para falar, não conseguiu. O lábio inferior tapava metade dos buracos de seu nariz. A falta de ar aumentava.

— Agora vamos fazer as mãos funcionar.

O enfermeiro que o segurava trocou de posição, ficando de frente para ele. Tinha um peito amplo e cabeludo e Amaro viu-se com a cara enfiada entre aqueles pêlos duros e malcheirosos. Sufocava. O outro enfermeiro aproximou-se por trás e segurou-lhe ambas as mãos.

— Ele está gordinho, heim? Nada como ter uma mulherzinha em casa.

Carlos AA. de Sá tem três livros publicados, mora no Rio e é funcionário público federal. "Canto Tentado", seu primeiro livro, foi aprovado pelo INL para coedição. Mas a coedição não saiu e ele acabou financiado por um industrial. Já o segundo não é de poemas, mas de contos, e foi lançado através de um consórcio de autores. Graças à sua adoção por uma professora de sociologia, Sá conseguiu ver também seu terceiro livro, "Estórias de Desamor", publicado. Há outros dois na gaveta: um de contos e outro de entrevistas que fez com escritores no tempo em que era correspondente de um suplemento literário. Em breve uma estória sua sairá na revista mexicana "El Cuento".

·E ato contínuo abriu-lhe os braços e impeliu-os para a frente. Uma dor aguda nasceu de seus cotovelos junto com o som de um estalido. Os braços penderam moles ao longo do corpo. O bom é que a dor conseguira fazer com que movesse os lábios o suficiente para respirar melhor. O suor brotava de todos os seus poros e misturava-se com o suor do peito cabeludo.

— Vamos fazê-lo ficar em pé.

Mais uma vez o enfermeiro mudou de posição. Desta vez foi um alívio. À sua frente, Maria Antônia sorria de braços cruzados. Ele a olhou cheio de infelicidade e ela o incentivou:

— Falta pouco, meu filho. Tudo está indo maravilhosamente. Guardei seus dentinhos para fazer um par de brincos pra nossa filha, se nascer menina, é claro. Se for homem vou mandar encastoar e fazer um chaveiro.

Filho, filha? Ele não estava entendendo mais nada. Há dez anos que eram casados e sempre lutaram pela vinda de um filho. Será que finalmente... Conseguiu sorrir ou melhor, arregaçar os lábios.

— Agora o senhor vai ter de colaborar conosco.

O enfermeiro voltara a segurá-lo pelas axilas e o levava quase pendurado até o meio do quarto.

— Procure firmar os pés no chão.

E soltou-o bruscamente. Amaro deu uma cambalhota e se estatelou no assoalho.

— Assim não vai, admoestou o médico. O senhor não ajuda em nada! É por isso que continuo a achar que ele está cometendo suicídio. Minha larga experiência com doentes mentais não me deixa equivocar.

— E o quê que a gente faz, doutor?

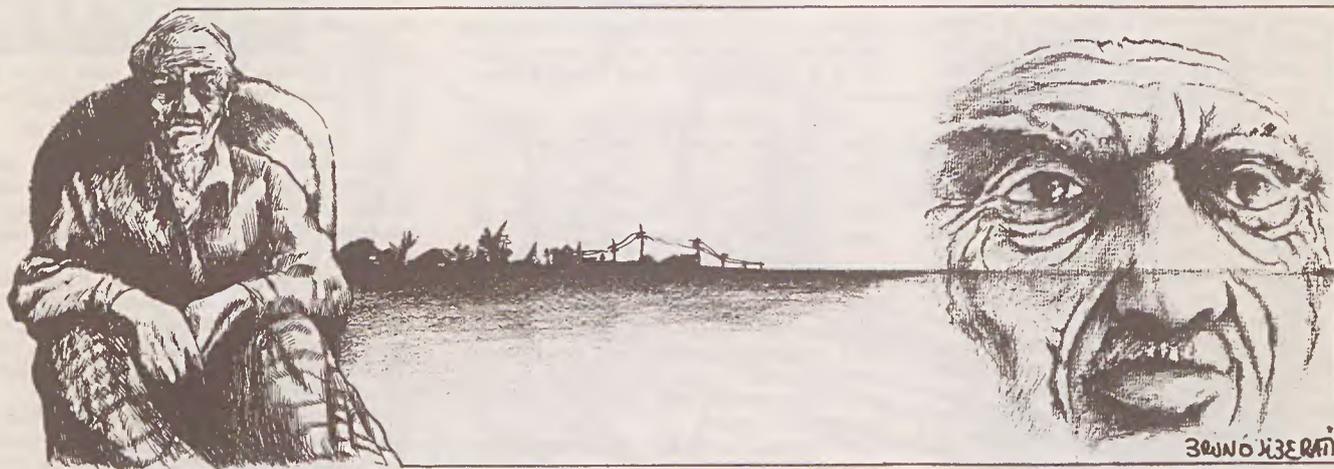
— Vamos dar mais um dia pra ele. Pó-
nham-no na cama.

Um dos enfermeiros segurou-o pelos ombros e o outro pelos pés. E puseram-se a balançá-lo de um lado para o outro, ritmando seus movimentos com a marcação:

— Um, dois, feijão com arroz. Um, dois, feijão com arroz.

O médico batia palmas de alegria. Ele estava tonto, o teto balançava junto com ele. De repente se viu jogado no espaço. A força do impulso fora maior do que haviam previsto e se viu atravessando o espaço, batendo de leve com a cabeça num dos batentes da janela e indo cair no meio do jardim. Ouviu a gritaria dos homens que chegavam à janela e procurou ficar imóvel para que não o vissem. Providencialmente caíra no meio de um canteiro de margaridas, que o cobriam inteiramente. Depois sentiu que eles vasculhavam o jardim à sua procura. Mas, com paciente esforço, conseguira esconder-se empurrando a terra fofa para baixo e sabia que nunca mais ninguém o encontraria.

O VELHO



José Carlos Correa Leite

“Operário de fábrica, oito anos e meio na Santa Rosália (tecelagem), gosto de escrever sobre gente de fábrica. Identifico-me com eles”, diz José Carlos Correa Leite, curitibano de 27 anos, premiado em alguns concursos de poesia e estudante de jornalismo na Universidade Católica do Paraná.

Ventou o dia todo, ele nem viu. Acordou com a vizinha reclamando do vento, do pó, os móveis sujos, casa sem forro, trabalhadeira danada. A roupa no varal ficava encardida, precisava dar outra passada na água, terra vermelha, que vida, Deus que me perdoe! Ficou imóvel por alguns momentos, sem pensar em nada, ouvindo apenas. Deu uma pontada na bexiga, vontade de urinar, desaguar. Virou-se com dificuldade, mexeu no chão, bateu nos chinelos, não encontrou o urinol. Estaria onde?

Esfriava. A tarde descia, cinco e meia, seis horas. Anoitecia ligeiro. Quis continuar deitado mas logo dona Maria chegava com seu prato e falando das netas, de oito e cinco anos; os alimentos na hora da morte, salário na porcaria de sempre, vida dura para ser levada. A igreja com seu culto das oito horas, o irmão Clementino, irmã Bastiana, sua filha Dolores, motorista de táxi assassinado. Mudava de assunto a outro, distraía. Ele comia devagar, ela descarregava novidades. Muito raramente perguntava do filho, se tinha recebido notícias. E essa pergunta encabulava, apertava o coração, espantava sua alma, matava-o lentamente.

Pois Luiz fizera carreira rápida na fábrica. Entrara como limpador de

tear, depois passara a enchedor de tambor, ajudante de tecelão. Tece-lão. Seis anos de casa e ganhava mais que o salário mínimo, vivia de produção. Moravam juntos, três cômodos eram suficientes para os dois. Até que Luiz construiu sua casinha do lado de lá da cidade, arranjou uma amiga e foi embora.

Bexiga apertada, teria que mijar antes que dona Maria viesse. Senão seria aquele negócio de conversar com receio, rezando para que saísse logo, fosse fritar ovo ao marido, ver se as meninas não tinham caído na escada da frente, se o genro tinha chegado da construção.

Luiz fez isso, foi morar com uma perdida. Não ligava muito, era homem, fazia o que desse no nariz. Vinte e quatro anos, barbado, dono de si. Mas largá-lo ali, paralítico, de muletas, encostado no INPS? Não, não era coisa de filho bom. Que viesse aos domingos, contasse casos, escutasse moda de viola junto dele como quando era menino, rapazote. Custava ficar um pouco com o pai? Custava?

Dona Maria cantava hinos, louvava a Deus. Falava em versículos, a mensagem do Espírito Santo. Cheiro de temperos, comida no fogo, quase pronta. Tinha que dar um jeito de levantar, o corpo se moven-

do com dificuldade. Cada vez mais velho, imprestável. Vinte e nove anos de fábrica, não sabia o que era uma falta, um resfriado. Quando quis saber de doença foi de vez. Nunca mais andou.

Gritos de crianças lá fora, ônibus passando, latidos de cães. Movimento danado, o trânsito cada dia mais intenso. Dona Joana chamando os meninos para o banho. Duas, três vezes. Dizendo que o pai iria buscá-los, sem autoridade, sem moral. Rádio ligado, o som sumindo e aparecendo, ondas curtas, tristeza de música sertaneja.

Toca os pés no chão, sentado na cama. Estende os braços, alcança as muletas. Vai para a privada, quem sabe do urinol?

Estava com água de sabão, cuidados de dona Maria. A bexiga aliviada, ele aliviado. Com jeito foi se acomodando devagarinho, a noite chegando mais fria, a sopa por chegar. Por que Luiz foi fazer isso com ele e largá-lo nas mãos dos outros quando ele bem que poderia ficar quietinho em seu canto, amando o filho sem pedir nada em troca a não ser sua presença? A saudade, Luiz. Saudade de pai é a mais doída do mundo. Você não sabe, você nunca soube nada...

Chora.

FOLHER

O homem lembrava gratificado, com a facilidade possuída pela mente, de produzir flashes backs a qualquer momento, de ir e vir e ser compartimentada, da micro-cirurgia que realizara — poucas horas haviam se passado — enquanto assistia a um filme de gangsters americanos, da década de 30, na tevê colorida, 26 polegadas, pall-color.

Era um destes grandes momentos da vida. A sala refrigerada como o corpo queria. Nenhum ruído chegando de lado algum desagradável da vida. Só o da televisão, servida de bom som — podia escutar a passagem da bala atritando-se com o ar, o metralhar contínuo das metralhadoras portáteis, gritos quando um personagem morria, a distante música em algum rádio velho e rouco da cidade quase adormecida. Havia, ainda, a acústica razoável da sala — faltava atapetar — e o conforto de sua cadeira predileta.

Assim, o homem não é o mesmo que desbrava no suado cotidiano o papagaio a vencer, prestação do carro atrasada, a mensalidade da casa própria da Caixa Econômica, do cartão de crédito, da própria tevê. Não assim como está não lhe restam vestígios da tortura, causada pela roupa esmigalhando o corpo que cresce desordenadamente, nos momentos em que há de se controlar, mais do que consegue sua resistência orgânica, porque é preciso conter o tempo rápido das 24 horas diárias, mal dando para atender ao sono e a seus vários empregos; conter a necessidade de expressar-se quando sua verdade era lesada por outros; conter a raiva imediata contra o móvel real, para não desagradar; conter o cansaço, para não cansar; o gesto mais branco brando e amigo, para não se comprometer; conter o choro porque desaprendera de chorar.

Neste momento atemporal havia e sim uma ligação intensa entre ele e a mensagem da tevê. Sem emoções arriscadas. A luta entre gangsters rivais, a caçada da polícia ou o risco de ser morta a velhinha não o comovia. Suavemente o interessava. Nada havia como as comissões que, às vezes, em cinema se tem. Com a televisão tudo é passivo, ameno: o riso não se transforma em gargalhada, é mais sorriso. Não angústias. Não nada. Realizara uma boa intervenção cirúrgica no hospital, agora usufruía a vida. Enfim, concluía, ter 57 anos e um gênio habituado a contornar situações era uma agradável tranquilidade. O viver sendo processado tranquilamente agora, pois aprendera a desnecessidade da pressa e a usufruição do descanso.

A mulher sentou-se na outra poltrona em silêncio contrito. Trouxe suas lãs e agulhas. Usava os óculos novos, presenteados no Dia das Mães. O modelo em forma de meia-lua, como o do anúncio da televisão. Próprio para fazeres próximos, podia ser esquecido sobre os seios sem perder-se, ou quebrar-se, porque estava atado a uma grossa corrente de ouro. Ver ao longe não lhe inspirava cuidados.

A mulher armava com lãs e agulhas um blusão de frio para cobrir o inverno do marido. Tal um metrônomo funcionavam suas mãos. A cabeça também. Atenta aos pontos da lã, olhando para baixo, após erguendo a cabeça dois centímetros,



Esther Lucio Bittencourt

Uma explicação de Esther, que é fluminense, sobre "Folher" e sobre "Flagra", para os seus possíveis leitores da Feira do Autor, de Niterói:

"Flagra é o nome do livro que vocês irão colecionar. Este conto, Folher, é o primeiro de uma série de muitos flagras que pretendo dar na vida. Em retribuição, claro, aos que ela me tem dado. Estes flagras podem ser colecionados todos os domingos, na Feira do Autor, e transformados em livro. Flagra será vendido em fascículos e vocês receberão um encarte para acondicionar o material. Flagra é uma edição Feira do Autor. No Flagra, geralmente, você também será flagrado. Flagra terá 13 contos, que é o número da sorte. Flagra tem por fim estimular o flagrante. Flagre-se, ou lhe, ou me. Opte pelos modos de flagrar. Esta edição terá apenas 100 exemplares e, num futuro não muito remoto, será considerada uma raridade. Bom Flagra procê."

fazendo o mesmo com os olhos, afastando-os do vidro dos óculos, girando o pescoço — cinco centímetros de rotação — para o lado do marido. A íris seguia a trajetória e ela, já não sabendo mais informar se media o homem para calcular o tamanho do blusão, ou olhava por hábito, ou se buscando tranquilidade em sua certeza masculina estática. Voltava novamente ao tricô. As mãos lúcidas e rápidas abandonavam o resto do corpo e tricotavam incansáveis, mal podendo ser acompanhadas pela vista. O corpo, este restava, como dejetivo. Vivas as mãos, mal-dosamente exibiam a coragem de exuberar em movimentação cadente, objetiva, persistindo indo e vindo, o tlac-tlac metálico das agulhas.

O filho mais velho chegou da Faculdade. Fez um pouco de barulho, querendo saber o nome do filme, deu boa noite e foi dormir. A mulher constatou, passados alguns minutos, que acordados na casa estavam apenas ela, o homem e o cachorro. Até a casa dormia, junto com o morto, achado agora na televisão, num quarto barato de hotel.

Intervalo comercial.

No silêncio ou pausa que ocorre durante a passagem da programação ao comercial, ouve-se fortemente um único barulho, o tlac-tlac das agulhas de metal.

Intervalo comercial. O homem suspira. Distende os músculos. E continua com a atenção dirigida para a tevê.

Intervalo comercial. A morena fala sobre as qualidades de um fogão que acende automaticamente enquanto um homem com cara de tolo queima os dedos num fósforo aceso.

Intervalo comercial. A morena é esguia e no entanto, carnosa. Sorriso sumarento.

A mulher mal repara nos comerciais. É então que aproveita para contar as carreiras de lã já artesanadas e verificar se os pontos estão corretos e semelhantes. Nos intervalos comerciais sua cabeça faz uma variação de movimentos: move-se apenas uma vez: para cima, comparando a forma do blusão com o tórax do marido.

Intervalo comercial. A mulher do fogão tem sorriso quente, atrai por segundos a atenção da mulher que tricota. Frágil instante. A mulher do fogão faz um gesto com a mão afastando o cabelo. A mulher do tricô está atenta novamente ao seu fazer. Contando malhas. Até que lembra. Agora. Neste exato intervalo precisa dizer alguma coisa ao homem. Há vários dias vem se armando de coragem.

Intervalo comercial. Ele lhe pede um café enquanto acende o cigarro.

Ela aproveita a deixa. Pede um fogão novo que o atual está em péssimas condições, com duas das quatro bocas funcionando, o forno solando os bolos que faz, por excesso de calor e, além disto, o fogão já dera o que tinha a dar, antigo, não tanto como os antigos de sua mãe, que não se acabavam nunca, importados. Os de hoje, mais frágeis, feitos assim de propósito — explica aflita a mulher do tricô — para que se danificassem logo e outro fosse comprado. E mesmo um fogão é ainda a coisa mais barata numa casa. Ladrão mesmo, quando dá numa, nunca leva fogão!

Novamente, o homem habituado, precisou conter a irritação que a mulher lhe causa ao emitir a voz, mutilando seu estar assim tão pousado na Chicago de 30, levantando problemas sobre fogão, quando todos sabiam ser esta sua ocasião de recuperação emocional.

Eu queria um daqueles. Da mulher da televisão, falou a mulher, com arrancos de coragem suicida, causada pelo pânico, ao perceber a irritação gerada no marido.

Intervalo comercial.

E foi de repente. Como poderia ele pretender coisa igual? Nunca. Nunca. E chegou à sua boca um sabor à morena esguia e no entanto carnosa, com voz quente, sorriso aberto, corpo de cocota. Nunca suporia tal. E sentiu. De repente, entre as pernas, o membro inflou. Como gigantesco balão, inflou. Como forte perfuratriz, cresceu, apontou. Rápido, insistiu com a mulher para lhe trazer o café. Enquanto controlava seu metabolismo.

Mas havia correria, veneno, rapidez de inusitado em suas veias. O membro latejava, tão imenso embora a contenção. Respirava como alguém em grande tensão, ofegante, ou como se debatendo antes do afogamento. Sentindo, no entanto, suas mãos espalmarem as ancas firmes da morena, percorrerem a cintura marcada. Não deveria haver celulite alguma. E o membro não descia. O furor da puberdade o contagiava, medo e orgulho e susto, perante o inesperado. Estava destreinado, mas reconheceu que não se conseguia esquecer as coisas sabidas. E com uma técnica suposta perdida acariciou-se. Colocou a mão no bolso e fechou os olhos.

O filme recomeçou com uma quadrilha atirando na outra para vingar a morte do homem morto do hotel. O homem ouviu os passos da mulher virem vindo, virem vindo inoportunamente. Correu para o banheiro, com uma agilidade já pensada perdida. O tempo exato. E o esmerla esguiçou pelo chão de cerâmica enquanto ele se apoiava na pia de granito.

As pernas tremiam, o corpo inteiro. Temeu sobrevir algum enfarte. Aguardou que as pulsações se acalmassem. Certo de que não morreria tentou lembrar-se novamente da morena. Começou então a ser ludibriado. À sua mente chegava apenas a visão do fogão. Recordava como acendia automaticamente e o brilho dos metais.

Olhou o chão lambuzado. Não podia ter sido ele. Fora um engano. Como um sexagenário poderia ter impulsos de puberdade? Limpou-se com papel higiênico.

Jogou água no chão de cerâmica. Secou com papel higiênico. Lavou as mãos. Sorria.

— Malandro! e deu tapinhas amigáveis no membro.

Senta-se no vaso sanitário e aguarda que seque o chão. Uma coisa o aborrece: não conseguir rememorar o aspecto da mulher e sentir a mesma descarga elétrica que o levava a esta renovada sensação. Há, de sobra, apenas uma imagem fixa: do homem com cara de tolo deixando o fósforo queimar entre os dedos e uma sensação total de vazio do peito ao ventre.

Intervalo comercial.

A morena anuncia o fogão enquanto o homem com cara de tolo deixa um fósforo queimar-lhe os dedos.

A mulher do tricô dorme na sala. A cabeça pende vagamente sobre os seios e as mãos repousam entre as lãs.

O homem retorna a tempo de ver o fim do anúncio. Pára ofegante no portal. Irá comprá-lo amanhã. E uma promessa lhe tumultua o sangue. Precisa conter-se. Assanha-se como tolo.

— Mulher, compro amanhã, fala com a voz misturada dos adolescentes.

A mulher acorda assustada, tricotando vagamente, esquecida das agulhas e lãs.

— Eu compro o folher, repete o homem, com a voz mais dominada. Percebe que lhe havia escapado uma palavra estranha e teme. Enquanto na frente de sua visão, antes tão tranqüila, trançam alucinados milhares de folheres, metade fogão, metade mulher.

REGISTRO

1 — Os contos e poemas devem vir acompanhados do nome completo, n.º do CPF, n.º da carteira de identidade, endereço e dados pessoais do candidato. Também são aceitas inscrições com pseudônimo, desde que o interessado indique o nome real.

2 — Mandem apenas um conto ou três poemas por vez. Limite de tamanho para o conto: 250 linhas de 70 toques cada. Limite para os poemas: 100 linhas de 70 toques cada. Os que não obedecerem a esses limites serão automaticamente eliminados.

3 — Os trabalhos devem ser datilografados em espaço duplo e numa só face do papel.

4 — Da mesma maneira, os destinados às seções de "conto-notícia" e "estorinha" são regulados pelas normas acima.

5 — Os trabalhos incluídos neste registro já foram lidos e analisados. Os autores em negrito tiveram contos ou poemas aprovados e poderão ser publicados em próximos números da revista.

6 — Os autores do conto e do poema que abrirem suas respectivas seções receberão Cr\$ 300,00 cada um — que lhes serão enviados através de vale postal — e uma assinatura anual da revista. Todos os demais autores novos receberão, gratuitamente, uma assinatura anual de Escrita.

7 — Os trabalhos recebidos até o dia 15 serão registrados e analisados este mês para eventual publicação 45 dias depois. Os demais entram normalmente na lista do mês seguinte.

CONTOS E POEMAS RECEBIDOS:

Acari Amorim, Agenor Lombardo, Aglaia Souza da Fonseca, Albert Bouskelá, Alcides Buss, Alcimar Fernandes Pereira, Alfredo Schechtman, Aliocha, Ana Bello, Anna Creatsola, Ana Cristina Ferreira de Araújo, Ana Maria da Rocha Caldeira e Sousa, Anderson Braga Horta, Ângela de Castro, Antônio Augusto Seabra Batista, Antônio Carlos Cortez e Silva, Ariane Ribeiro Goulart, Artur Carlos de Santana, Bento Silvério da Silva, Bernadette Lyra, Camões Filho, Carlos Gabriel dos Santos, Carlos Varassin, Caulus Motta, Chico Bezerra, Claudius Hermann Portugal, Criselda Dantas Pestana, Cyleimar Curty, David Araújo Filho, De Viterbo, Demerval Deodato Dias, Donizetti, Eleny Heller, Eugênio de Lima, Geane Roldan Roldan, Geni Rodrigues da Costa Hirata, Gideon Rosa, Gilvar Javarini, Givaldo Mota, Héber Fonseca, Helena Cardoso, Helenice da Silva Rodrigues, Hugo de Lara, Ismael de Campos, J. Augusto M. Batista, Jamel Santa Rosa, João da Penha, José Car-

los Maia de Oliveira, José Eduardo Degrazia, José Pinheiro Fernandes, Kátia Rodrigues de Almeida, Lafayette Coutinho Moreira, Lena Maria Teixeira da Silva, Lino de Moraes Leme Neto, Lúcia Ribeiro da Silva, Luiz Antônio Izel de Freitas, Luiz Cláudio Mubarac, Luiz Fernando Fleck, Luiz Puntel, Marco Antônio Cortez Minchillo, Marco Antônio Valença Franco, Marco Túlio Costa, Marcos Abílio Domingues, Marcos Antônio Sevilla, Maria Cristina de Almeida, Maria Julieta Mendonça Viana, Mário Souza, Marlene Soares Pinheiro, Milton Marques Júnior, Murilo Marcondes, Nabor Fernandes, Nathaniel Brasília, Neusa Doretto, Oswaldo André de Mello, Paulo Afonso, Paulo Franchetti, Paulo Roberto Campos Vaz, Paulo Roberto Correa Thomaz, Ramos Sobrinho, Rams Evon, Raul Longo, Regina Clara Simões Lopes, Renato Tadeu Chagas, Roberto Dória, Roberto José Bozzetti Navarro, Rogério Meneses, Rogério Sidaoui, Romeu Rossi, Rony Farto Pereira, Salvador Pereira de Souza, Sebastião Firmiano de Lima, Simone Saisse Lopes, Tadeu Bahia, Tanussi Cardoso, Tereza Coutinho, Ubaldo César Balthazar, Ulisses Tavares, Valdecir Canteiro, Waldomiro Campos, Wanilton Cardoso Affonso, William Wilson Porto, Wilson Araújo de Sousa, Wir Caetano Francisco e Yara M. Santos.

INFORMAÇÃO

SETE ANOS DE PASQUIM

Na semana de 25 de junho a 1.º de julho, o Pasquim comemorou seu sétimo aniversário com um número especial. Dedicado, como os 364 anteriores, a "fatos diversos", como diz Jaguar, inclusive a literatura. Esta entrevista foi feita em Copacabana, no apartamento de Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o Jaguar, diretor-presidente da Codecri — que edita o Pasquim — por Antônio Torres, Astolfo Araújo, Flávio Moreira da Costa e Wladyr Nader.

Escrita — Nestes sete anos de existência, o Pasquim tem acreditado na literatura brasileira, tem publicado contos, noticiado livros, etc. Isso estava nos planos iniciais de vocês?

Jaguar — O problema com que a gente se defronta é o seguinte. A gente recebe muitos contos, e tem escritores reclamando inclusive que a gente publica o Dalton e não os outros. Acontece que o Dalton virou assim uma espécie de... faz parte da cara do Pasquim publicar o Dalton, entendeu? E ele adora publicar no Pasquim porque disse que é a única forma das filhas dele lerem o que ele escreve. Além disso, o Ivan Lessa é tarado pelo Dalton. Se a gente for abrir o jornal para a literatura, a solicitação será grande, então a gente manda procurar a Escrita, né? E às vezes dá pena, a tentação é grande. Mas se fizermos isso descaracterizamos o jornal. O Pasquim não é um jornal literário, é um jornal de fatos diversos, tem aquela entrevista que dá o miolo, e o resto são artigos levianos e piadas inconseqüentes.

Escrita — Mas houve uma época em que vocês publicavam contos de humor?

Jaguar — Publicamos, sim. Mas o problema é o seguinte: não existe quem escreva, negócio de humor é muito complicado. Eu me lembro que no tempo da revista Senhor a gente publicava muita coisa do João Bittencourt. Eu pedi agora pra ele mas o João tá numa de faturar adoidado e não quer perder tempo com literatura, porque literatura não dá dinheiro. Agora, publicamos um cara que poderia continuar escrevendo pra gente, que é o Moacyr Scliar, ele tem uns contos de humor muito bons. Tem o Plínio Marcos que não sei porque deixou de escrever pra gente, talvez porque o jornal seja muito careta pra ele. Quer dizer, nesse ponto estamos abertos à colaboração, desde que seja de humor. Agora se o cara escreve: "João seguia aquela estrada calcinada", pode ser um trabalho bellissimo, mas já chega o Dalton que é um corpo estranho e só virou um corpo familiar porque entrou no coquetel, na mistura que nós fazemos. Sempre que a gente pode a gente lê, aí há uma discussão terrível lá, eu falo pro Ivan, por exemplo, que não me in-

teressa meter o pau em livro, prefiro elogiar os livros que eu gosto, porque o espaço é pequeno e fica parecendo divulgação do editor. De vez em quando a gente dá umas porradinhas e eu mesmo, quando me irrita muito o livro, como aquele da Krishnamurti, aquela vigarista, eu baixo o cacete. Mas é raro que aconteça, quando não gosto do livro prefiro deixar pra lá, o autor brasileiro já tem muitos problemas.

Escrita — Às vezes o Pasquim, ou melhor, o Ivan, cai em cima dos livros. Acharmos que a briga é desigual, quando se fala de livros, que são lidos por pouca gente. Se a briga fosse com o Globo, o Jornal do Brasil, então a coisa ficaria em pé de igualdade. Isso do Ivan serve pra alguma coisa?

Jaguar — É por isso que eu gostaria que o Ivan estivesse aqui, porque lá no Pasquim não existe um editorial, cada um tem uma posição diferente. Eu tenho uma opinião diferente da dele, muitas vezes ele elogia um livro e eu meto pau, ou vice-versa. Por exemplo, há pouco tempo, o Tinhorão levou um cacete do Sérgio Cabral. Ficou bastante magoado, se queixou, disse que foi apunhalado pelas costas e telefonou pra mim reclamando. Eu acho que o artigo foi muito pesado. Quando o Sérgio Cabral propôs o artigo pelo telefone, eu achei ótimo. Quer dizer, é um negócio absurdo, mas eu pensei que o desenvolvimento do artigo fosse um pouco surrealista e que ficaria engraçado dizer que o "Tinhorão não é o Tinhorão", etc. Mas acontece que quando eu li o artigo eu vi que ele escreveu de cabeça quente. Acho que ele foi pouco hábil, devia ter parado, esfriado a cabeça. Aí eu falei pro Tinhorão: eu concordo com você que o artigo foi mal colocado e tal, mas acontece que é bom pra você ver quanto dói levar uma porrada assim. O que ele faz de crueldade com pessoas que não têm defesa, inclusive com cantores novos que estão querendo aparecer... É uma porrada do Tinhorão pode levar o cara ao suicídio, à desestrutura. Aproveito a deixa pra dizer que, ao contrário do que os outros falam, o Pasquim é uma espécie de Casa da Mãe Joana, é um jornal aberto. Quer dizer, o sujeito que se sente atingido pelo Ivan, por exemplo, tem direito a revide pelo jornal. As pessoas não sabem disso e se limitam a ficar putas da vida, mas podem responder. Eu acho ótimo isso. Agora, o que é que se vai fazer? O jornal, a crítica, é em geral covarde.

Escrita — Você também é dos que acham que literatura policial não é literatura. O humor, o conto de humor, entriam, assim, na mesma categoria?

Jaguar — Eu acho que não existe divisão nenhuma. Se o conto de humor é bom, está tudo certo, eu acho até mais difícil de fazer. Você vê o James Joyce, que é um grande humorista, eu morro de rir com ele, ele é o maior sacana de

todos os tempos. Agora ele não se propõe a escrever dessa maneira. Tem também o Nabokov, quer gente mais engraçada que ele? Mas existem poucos escritores de humor no Brasil. Isso é que é verdade. Tem o Scliar, o Ivan Lessa. Quando pinta uma matéria de humor a gente publica, mas é muito difícil aparecer. Inclusive perdi o contato com o Danúbio Rodrigues. Me lembro que, antes do chamado boom sul-americano, ele esteve lá no Pasquim com uns contos de um camarada que era o Garcia Márquez, contos muito engraçados, isso muito tempo antes de aparecer o "Cem Anos de Solidão". E esse grande editor, que é o Tarso de Castro, correu com o Danúbio dizendo que não queria saber de cu-rachas e ele voltou com o rabo entre as pernas.

Escrita — E o Campos de Carvalho?

Jaguar — O Campos de Carvalho eu acho um grande escritor. É um dos poucos escritores viscerais, é aquele cara que vive só pra isso, vive com dificuldades. Ele ganhava um dinheirinho no Pasquim, mas é completamente maluco. Sabe como é que ele brigou comigo? Brigou por uma estória realmente ridícula, justo comigo que era grande admirador dele. O primeiro livro que ele escreveu foi uma porrada, é um livro extraordinário. Então: eu tinha feito um cartum que ele achou muito forte. "Você não tem medo de publicar um negócio assim?" ele me perguntou. Respondi: eu também tenho medo, é claro, mas publico, pô, e daí? Se der confusão, deu. "Quer dizer que você tá me chamando de covarde?" ele disse. Eu disse: Não, rapaz, quero dizer que eu também, como todo mundo, tenho medo. Ele disse: "Não adianta consertar. Você tá me chamando de covarde, vamos brigar lá fora". Falei: mas Campos, eu sou seu admirador, pelo amor de Deus, eu não quero brigar, eu acho você um gênio. "Vamos brigar", disse. Aí ele começou a botar a mão no coração, ele tem problema no coração, é cardíaco. Pensei: e se o grande escritor morrer aqui? Fiquei apavorado, foram buscar água correndo pra ele, mas ele saiu. Falei: bom, ele deve estar de porre, amanhã ele passa por aqui. Nunca mais botou os pés. E ele tava fazendo um grande trabalho. Às vezes eu me lembro da estória e penso, poxa, o Campos, preciso procurar ele lá em Petrópolis, mas a gente vive nessa correria e não temos telefone. Mas ainda passo lá por Petrópolis e convenço ele a voltar a colaborar com a gente. Ele ainda vai estourar, é um grande escritor. É que não faz nada pra isso. Como teve esse episódio comigo, vai ver tem com todos os editores... É uma cuca que eu vou te contar.

Escrita — A literatura brasileira, agora, está vivendo uma fase de humor, uma briga entre os mineiros e o resto do país...

Jaguar — Aliás, Minas sempre moveu essa guerra. Mas voltando ao negócio de literatura no Pasquim, eu, com as melhores intenções, resolvi fazer uma mesa-redonda. Mas foi um baixo astral, rapaz, e o que se disse de besteiras... Mas de certa maneira foi representativa da confusão que reina no cenário literário. Foi um fracasso. Eu esperava que se dissessem grandes coisas e ficassem resolvidos vários problemas pendentes da literatura brasileira. Um outro problema do Pasquim é que as pessoas não entendem que o jornal não é um jornal literário, nunca se propôs a ser, e o máximo que ele pode fazer é dar dica pra literatura.

Escrita — Mas há sete anos atrás ele não marcou uma tendência no jornalismo, de fazer uma coisa mais aberta à literatura?

Jaguar — Talvez, devido aos caras que trabalhavam no Pasquim, que eram intelectuais: o Paulo Francis, o Millôr, Luís Carlos Maciel, que fazia o underground, que era uma seção de literatura. Mas eu continuo achando que a grande jogada, o grande marco da imprensa brasileira, foi a revista Senhor. Era uma linha de jornalismo bem feito, caprichado. Tinha de tudo. Mas tinha também Clarice Lispector, Antônio Callado. Todo mundo participou do jornal.

Escrita — Como é que você vê o desenvolvimento do Pasquim nestes sete anos.

Jaguar — O título já foi uma defesa. Nós sabíamos o que vinha pela frente, antecipamos os epítetos. O Pasquim, quando começou, foi uma espécie de revolução na linguagem. Foi o chamado ovo de colombo. A gente pegava e gravava. Eliminamos o copy-desk. Tudo o que se falava, errado ou não, a gente punha. Pelo menos era a língua falada em movimento. E não era nenhum mistério, foi inclusive preguiça de fazer o copy-desk. Sei que o negócio deu certo e foi aquele boom do Pasquim, a gente chegou a vender 200 mil exemplares e na verdade isso não se poderia manter, porque o que fizemos foi assimilado. Qualquer out-door que você vê, ou mesmo os jornais, pegaram coisa da gente. O jornal tirou o paletó e a gravata, se descontraíu. E principalmente o que influenciamos mais foi a publicidade, com essa linguagem de gíria. O segredo da sobrevivência do Pasquim foi que nós nunca nos prendemos, começamos de um jeito que naquela época estavam pedindo. Hoje, sete anos depois, nós envelhecemos, os leitores também. No começo, o Pasquim era o quente da garotada. A garotada comprava o Pasquim pra ver "bicha" escrito (vocês se lembram? todo paulista que não gosta de mulher é bicha, as cinco mil do Millôr, a Leila Diniz se expondo no jornal). Então o Pasquim era comprado por essa gente que queria ver palavrão, essa é que é a verdade. Depois mil coisas aconteceram. A equipe mudou. Do grupo inicial só ficamos o Ziraldo e eu, o resto foi saindo por aí em crises e brigas. A censura, também, modificou completamente o nosso comportamento. Na verdade, o Pasquim era um jornal de Ipanema. Hoje em dia de Ipanema não tem nada. Pelo contrário, Ipanema já faliu completamente como agrupamento huma-

no. O Pasquim não era nem o jornal de um bairro, era um jornal de uma rua, de um bar. A gente se reunia e fazia tudo em torno das conversas de bar. Mas Ipanema acabou: o Sérgio Dourado liquidou com Ipanema, o Ricardo Amaral ajudou também muito, e por aí vai. Hoje em dia, um dos nossos principais colaboradores, o Aldir Blanc, fala de Vila Isabel, do subúrbio.

Escrita — Onde vende mais o jornal?
Jaguar — O Pasquim chegou a vender mais em São Paulo, por uma questão de distribuição, porque a Abril distribuía melhor. Agora está vendendo mais no Rio. Mas onde vende bem, mesmo, é no interior, vende mais do que no Rio e em São Paulo juntos.

Escrita — Quais foram as grandes dificuldades na sua opinião?

Jaguar — Primeiro a censura, depois a prisão. O Pasquim era uma festa. A gente fechava um bar, alugava avião, o que a gente gastava de dinheiro era uma loucura. E depois, quando saímos da prisão, acabou a festa. Vimos que o jornal, com todo o sucesso que tinha feito, estava pessimamente administrado. Não tinha contabilidade, não tinha nada. Começou a época das vacas magras. Quando nós nos demos conta das coisas, estávamos devendo um milhão de cruzeiros. E aí na hora do pega pra capar, muita gente pulou fora. Mesmo porque tínhamos tomado a decisão de trabalhar de graça e fizemos isso durante um ano e meio. Quem pagava o Pasquim era o Jornal do Brasil, as agências de publicidade, a Shell. A gente trabalhava e se virava por fora. E foi uma dificuldade danada. Nessa coisa também houve muita briga, saiu o Tarso, saiu o Maciel, que é um sujeito de extremo bom caráter, ele se sentiu moralmente obrigado a sair porque quem tinha trazido ele pro Pasquim foi o Tarso. E mesmo porque aquele negócio de underground tinha entrado em declínio total.

Escrita — Dessas perdas de talentos, qual foi a mais sensível para o jornal?

Jaguar — Acho que não houve. O jornal tem mil compartimentos, não deu pra sentir. Quanto o Millôr saiu, por exemplo, ficamos preocupados. Mas tinha acabado a censura e nós aumentamos a vendagem. Isso também porque as matérias ficaram mais apimentadas. Mas nenhum cara que saiu deixou rombos. Saiu o Paulo Francis, por razões monetárias. Recebeu uma oferta melhor, tava endividado. Inclusive vamos lançar agora o livro dele: "Paulo Francis Nu e Cru". Eu tentei convencê-lo a posar nu pra capa mas ele não quis, tá muito gordinho.

Escrita — É verdade que está escrevendo um romance?

Jaguar — É, sim. Já li alguns capítulos. É um romance autobiográfico, que bota todo mundo no fogo.

Escrita — Na Status, ele disse que em Nova York ninguém mais lê, ninguém mais vai ao cinema, o pessoal só vê televisão.

Jaguar — Você conhece alguém que leia, mesmo escritores?

Escrita — Voltando ao Pasquim, Jaguar, naquela estória toda qual foi a saída mais sentida?

Jaguar — Normalmente as pessoas que saíram de lá saíram brigadas. De maneira que a gente não sentia muito, não. A gente dava graças a Deus. Por exemplo, o Tarso, ele não saiu, ele foi eliminado do Pasquim. O Maciel foi uma pena. O Millôr sempre quis sair. Quando nos demos conta de que a administração do Tarso de Castro tinha sido um absoluto caos e a firma estava à beira da falência, achamos que ele tinha que sair. Mas o Millôr é um sujeito terrivelmente individualista. Eu tenho uma coleção de 14 cartas de demissão irrevogável do Millôr. E isso criava um clima terrível dentro do Pasquim, porque a gente nunca podia fazer um plano pra mais de um mês, porque a gente nunca sabia. Ele via querendo fechar o Pasquim como fechou o Pif-Paf, que era o jornal dele. Ele estava sempre se demitindo, e isso obrigava a gente a operações complicadíssimas, em que entravam Gasparian, Zé Aparecido, amigos pessoais do Millôr, que voltava depois de uma semana de recusas, avisando que voltava contra a vontade. Aí a gente continuava o trabalho, dali a pouco ele se demitia de novo.

Escrita — O que você acha dessa confusão toda em que anda a literatura, todo o mundo querendo escrever, publicar?

Jaguar — Ora, eu vejo nisso um fator altamente positivo, a literatura brasileira andou num marasmo incrível. De repente, por mil razões, também estimulados pelo boom sul-americano, os escritores foram com muita sede ao pote. Mas essa é outra coisa positiva.

Escrita — Quem você acha que está indo com muita sede ao pote?

Jaguar — Você quer que eu dê nome aos bois? Quem vai com muita sede ao pote é o João Antônio, que é acusado disso. Não há nenhuma revistinha que não tenha João Antônio. Num dos últimos números do Pasquim, a propósito do Lima Barreto, o João Antônio desabafou: Por que não? Por que eu não posso brigar? E eu também acho isso. Muita gente acha que o escritor deve ficar na sua torre de marfim, porque é pouco digno sair por aí... Não vejo nada demais que a literatura seja vendida como televisão, entendeu? O que interessa é o escritor vender o seu produto. O negócio das revistas literárias, por exemplo, aconteceu da mesma maneira como aconteceu com o Pasquim. Quando o Pasquim saiu, era o único jornal que havia, enfrentamos o tabu de que tablôide não vendia, mas aí deu certo. Por que? Porque foi feito por pessoas mais ou menos competentes. Foi o caso da Escrita: nenhuma revista literária dava certo, também por causa do ranço literário. Aí vocês botaram a revista descontraída, gostosa de ler, sem pompas, sem frescuras literárias. Agora resolveram reativar a Ficção e está saindo uma outra. Acho bom isso, não acho que elas venham a disputar uma o mercado da outra, acho que cada uma vai conquistar o seu mercado.

Escrita — O Rio de Janeiro sempre foi tido como o lugar que vende mais ficção. O livro do Ivan Ângelo vende mais no Rio que em São Paulo. Você teria uma explicação pra isso?

Jaguar — Não, acho difícil, não tenho dados.

Escrita — Há muita gente comprando livro e não lendo?

Jaguar — Penso que não, a vida não está mole, um quilo de café está custando Cr\$ 50,00, ninguém tem dinheiro pra jogar fora. Não dá, não dá pra esse tipo de posição, não. Eu, por exemplo, quase não compro livro porque recebo lá no jornal, mas quando eu quero ler um livro eu vou lá e compro. Como ontem, comprei um livro do Ray Bradbury, eu adoro aquele cara, a Artenova é brigada conosco, então não manda. Sabe aquele Álvaro Pacheco, é um pilantra, até eu já entrei pelo cano com ele uma vez. A tipologia dos livros às vezes é ruim, parece que a gente está lendo tudo em maiúscula. Aliás, isso me fez pensar na outra coisa que é um desastre aqui no Brasil, é a falta de formação profissional do pessoal que trabalha em livraria. Nós descobrimos um negócio que está dando um dinheiro, nós entramos na barraca da feira do livro na Praça Quinze e estamos entrando nas outras. Rapaz, tivemos um lucro líquido de 30 milhões numa semana. Eu fiquei estarelecido, aí eu falei, vamos abrir uma livraria do Pasquim, com uma pequena sala para exposição.

Escrita — Nós estamos querendo comprar, lá na Vertente, uma kombi para viajar pelo interior de São Paulo, para vender livro de praça em praça.

Jaguar — Agora, a nossa barraca é uma barraca meio radical, ela não vende uma série de livros. Por exemplo, livro do Carlos Lacerda não entra. É uma briga tremenda. Às vezes eu passo uma semana sem ir à barraca, quando eu chego tem best-seller. Evidentemente, o camarada que tá trabalhando na banca quer faturar, ele ganha comissão pelas vendas, é a eterna briga que existe também no Pasquim entre a editoria e a publicidade. Mas eu acho o seguinte, é um excelente negócio, aconselho vivamente. A nossa pequena experiência deu pra ver que vale a pena.

Escrita — Estão surgindo muitas revistas e jornais literários: Escrita, Ficção, Versus, Anima, etc. Você não acha que está havendo uma super-oferta?

Jaguar — Eu não acho, não. Por exemplo, jornal, tem o Movimento, tem o Opinião, o Ex, Versus. Sei lá, o Pasquim é tão diferente do Movimento, por exemplo, cada jornal tem o seu público. A revista Escrita é diferente da Ficção. Por isso quem ganha são os leitores e os escritores.

Escrita — Nós estamos falando mais do ponto de vista econômico. Em São Paulo, o pessoal está comprando mais as revistas do que os livros.

Jaguar — A coisa que deu mais certo no Pasquim foram os livros, o lançamento de livros. Nós temos seis títulos, que venderam 250 mil exemplares, não é casaca nenhuma. Na verdade, nós temos o mapa da mina, a gente lança um livro, por exemplo, o de poesias do Agostinho Neto, que era pra ser lançado na hora da briga. Atrasou, mas mesmo assim vendemos 15 mil exemplares. E inclusive houve um erro de cálculo, o preço ficou acima do que devia. Outro exemplo, um li-

vro de anedotas de salão vendeu 90 mil exemplares. Armamos um esquema misto: banca e livraria. Cada livro que a gente faz já tem uma encomenda, no escuro, de cinco mil exemplares.

Escrita — O livro do Agostinho Neto foi o único que saiu do esquema?

Jaguar — Foi. Fizemos 20 mil exemplares.

Escrita — Ele representa uma tendência editorial?

Jaguar — Não, já estamos muito escaldados com os erros. Quando sai um lucrinho, lançamos um livro. Lançamos dois livros de anedotas de salão, que é o negócio que vende, tem as grandes entrevistadas do Pasquim, vai sair o livro do Boal, o do Paulo Francis, do Newton Carlos, o meu, o Fradinho tá vendendo muito bem. Tá dando tudo certo. Agora, qual é o segredo do Pasquim? Ele nunca daria certo se não tivéssemos arumado a casa. Pegamos um português pé-de-boi, esse cara é um sujeito espetacular, eu nem tomo conhecimento. É fundamental fazer isso, não adianta botar os melhores gênios do ramo trabalhando, se não tem o gerente atrás, pra segurar as pontas. E hoje em dia estamos muito bem sob esse aspecto.

Escrita — Quem são os donos do Pasquim agora?

Jaguar — Nós compramos a parte do Paulo Francis (eu, o Ziraldo, o Henfil e o Ivan Lessa). E o Júlio Nunes, o administrador, também entrou. Tem o Gasparian, que tem 5%, porque com o seu costado, a sua potência econômica, dá uma certa credibilidade. O Millôr era cotista, nós compramos. Outra pessoa que nos ajudou foi o Sérgio Lacerda e também acabamos comprando a parte dele.

Escrita — Por que vocês não se lançam na ficção?

Jaguar — Estamos pensando nisso, mas pro ano que vem. Editora é um bom negócio. Inclusive dá pra lançar coisas mais pesadas, mais intelectuais. O público não é tão burro quanto os editores pensam".

OUTRAS

— Escrever ou escrevinhar, eis a questão. Ou "eu penso, tu pensas, ele/eles pensam".

"Escrever é pensar", dizem os profissionais da linguagem — professores, escritores, jornalistas, técnicos em comunicações de massa. O jovem de hoje não sabe escrever, constata estes mesmos especialistas, e portanto está deixando de exercer uma das faculdades mais importantes do homem, a que o define como tal, que é justamente a faculdade de pensar. Mal dos tempos, culpa das "comunicações de massa", das más condições de ensino, do despreparo dos professores, da supressão da redação no vestibular, (que voltará para o próximo ano), da falta de importância dada à leitura, à literatura, do mito de que "o público é analfabeto, portanto deve-se cultivar a pobreza do vocabulário", da novela, do jornal popular?

Esta é uma "amostra" dos temas que foram levantados pelo Grupo Educacio-

nal Equipe, de São Paulo, que está lançando um movimento de debates a respeito da "inabilidade" no uso da linguagem, que parece cada vez mais uma característica do jovem de hoje ou, ao menos, do jovem cuja capacidade vem sendo "testada": o estudante secundário e universitário. O texto de apresentação da 1.ª Experiência Escrita, do Equipe, define assim o problema: "Nosso tempo, disse o poeta, é de espera e maus poemas. Não se estranha, portanto, que seja também um tempo de linguagem estropeada, insuficiente e trôpega. Professores, pais, educadores, escritores, mesmo os mais remotamente envolvidos com a educação, a linguagem e os jovens, pensam e falam, assustados, no assunto. Sob o susto, uma suspeita: a deficiência no domínio do idioma pode ser um sintoma grave, que aponta para um modo de pensar também deficiente. Nas conjunções perdidas, podem tropeçar as relações do mundo. A mudez, de lingüística, torna-se mental e social — global como a aldeia".

De tudo o que foi dito, dentro e fora das mesas-redondas, talvez o mais importante seja o que concluí de conversas que tive com um grupo de 15 alunos do próprio Equipe, apesar de nossa linguagem, "nosso repertório", como os especialistas afirmam, não ser o mesmo: "A gente recebe tudo pronto: casa, comida, televisão, brinquedo, livro, regras de gramática, etc. No fundo, não passamos de consumidores de tudo, consumidores também da própria língua", disse um deles. "Fazemos língua, mas ela é considerada "errada, incompleta, aberração, deficiente, etc.", por aqueles que deveriam justamente estar atentos para o problema. Já que não dominamos a língua "oficial", não podemos fazer parte dos que "se expressam" e portanto "pensam". Sendo assim, como é que eles podem querer que a gente aprenda, num passe de mágica, num lugar privilegiado que seria a aula de redação, quando existe, o que a sociedade nos nega? Não vemos ninguém nos pedindo para "pensar", e pensar se tornou uma coisa encomendada, pra ter nota ou para passar de ano. Isto em qualquer matéria. Além do mais, por que temos que aceitar as regras do jogo do qual não fomos convidados a participar? Quem é quem na redação? O que é escrever "certo"? A experiência do Equipe continua este mês, com a participação dos alunos, através de textos. Os professores consideram essa a parte mais importante da Experiência. (Vera Alves da Nóbrega)

— Raduan Nassar recebeu da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Coelho Neto de melhor romance por "Lavoura Arcaica". Segundo Tristão de Ataíde, o livro "é uma novela trágica em que se misturam evocações do Antigo Testamento como Abraão prestes a sacrificar Isaac e parábolas do Novo Testamento como a do Filho Pródigo. Tudo isso porém à luz, ou à sombra, de uma filosofia pagã do destino implacável, numa luta insólvel entre o Mal e o Bem, numa atmosfera bem brasileira".

— Ézio Távora dos Santos, diretor-presidente da Companhia Editora Nacional, em entrevista à Folha de S. Paulo, em 10/6/76, negou que a empresa estivesse

passando por momentos difíceis e prestes a ser adquirida por empresários nacionais. "Para se ter uma idéia da situação da editora", afirmou ele, "basta dizer que a Nacional não recorre a descontos bancários e que, operando com recursos próprios, tem hoje Cr\$ 27 milhões de disponibilidade e Cr\$ 30 milhões de contas a receber. A Companhia Editora Nacional, que trabalha com capital próprio, jamais atrasou um dia num pagamento".

— A José Olympio ainda tem em estoque algumas dezenas de exemplares dos

seguintes livros de Samuel Rawet: "Alienação e Realidade", "Consciência e Valor", "Contos do Emigrante", "Homossexualismo", "Os Sete Sonhos", "O Terreno de uma Polegada Quadrada", "Viagem de Ahasverus à Terra Alheia em Busca de um Passado Que Não Existe Porque É Futuro e de um Futuro Que Já Passou, Porque Sonhado".

— Cultura Imprensa, jornal editado pela Livraria Cultura de S. Paulo, é uma excelente iniciativa: ajuda o público a

escolher o que vai ler e a tomar conhecimento do que está acontecendo. O primeiro número traz uma entrevista com Ignácio de Loyola e matérias como a situação do livro didático, o problema da tradução e o livro infanto-juvenil. O jornal aceita colaborações.

— Wander Piroli, Oswaldo França Júnior, Roberto Drummond e Luis Vilela são os escritores mineiros a ser estudados no próximo vestibular da Universidade Católica de Minas Gerais.

LIVROS

PRISIONEIRA DA PRÓPRIA REDE

Concebido como uma tentativa de fornecer um retrato do mundo escolar e do desenvolvimento de uma adolescente do interior de Minas Gerais, *A Rede*, romance da escritora mineira Martha Antiero, pretende preencher uma lacuna na literatura do gênero "depoimento", qual seja, a de não ter sido colocado o problema da educação e da vida escolar (vale dizer, dos "anos de aprendizagem") do ângulo feminino.

É inegável que o romance é de leitura agradável e prende a atenção. Isabela, a heroína narradora da estória, é figura típica da vida brasileira, fácil de ser entendida e identificada. Muitos leitores certamente tornar-se-ão seus cúmplices. As cenas da vida no internato das freiras francesas são reveladoras e claras, mostrando aspectos importantes do repressivo sistema escolar implantado pelas irmãs para atender às necessidades de uma educação aristocrática e castradora para as seletas, pródigas e algumas vezes rebeldes mocinhas da burguesia cabocla. Os conflitos (sexuais, religiosos, afetivos, psíquicos, morais, etc.), em que se envolvem os adolescentes, surgem naturalmente no curso da narrativa, dando-lhe fluidez e humor. Como pano de fundo (fundamental na estrutura do romance), a vida da cidade turística de Santa Quitéria (estância de águas do interior de Minas) nos primeiros anos da década de 40 (guerra, pós-guerra, Getúlio, Estado Novo, redemocratização, etc.). Um romance interessante, digestível e bem construído, em síntese.

Mas Martha Antiero levou longe demais o título de seu livro e acabou prisioneira da rede que pretendeu captar. É verdade que, um de seus méritos é descrever o reacionarismo elitizante imamente ao contexto enfocado e aos personagens centrais da trama. Mas esta descrição é superficial, simplista e muitas vezes moralista, o que faz com que seus méritos acabem por revelar uma fraqueza: Martha Antiero não conseguiu chegar à essência do real e nem criar personagens (os que surgiram foram "mortos") capazes de exprimir a superação do estado de coisas típico do romance. Uma nova realidade — que Isabela ameaça alcançar, através de Angelo, no último ca-

pítulo — inexistente objetivamente no romance, que condena seus personagens ao "reino da alienação" e da repressão. Após dúvidas, indecisões e frágeis avanços, Isabela acaba recuando e conformando-se: retorna ao internato, para "crer na perfeição que eu não via". Por isso, "A Rede" descaracteriza o real, dele fornecendo uma reprodução subjetivista e unilateral. Não alcança, desta forma, os objetivos buscados pela grande literatura e induz os leitores a pensarem que, afinal das contas e apesar de tudo, a alienação e a repressão educacional também têm o seu "lado bom". Basta crer. (Civilização Brasileira/MEC, 284 pgs.)

Marco Aurélio Nogueira

INVENÇÕES DEMAIS

Apesar da admiração que tenho por Miguel Jorge e sua mulher Maria Helena Chein, assim como a Gilberto Mendonça Teles e, mais recentemente a Brasigóis Felício ("Diário de André"), não tenho acompanhado de perto a evolução da literatura goiana.

Tenho às mãos, agora, o livro *O Peixenauta*, de Ieda Schmalz, que faz parte do grupo GEN e é advogada e professora universitária.

Sou obrigado a discordar, de início, das considerações da comissão julgadora que outorgou o 1.º prêmio ao livro (Hugo de Carvalho, da Bolsa de Publicações). Diz, entre outras coisas, a comissão: "a poesia hoje tende a seguir a direção da objetividade: ou busca motivos e temas que a tornem testemunho crítico da realidade social, moral e política, ou buscando códigos que a tornem integrável nos modernos processos de comunicação".

Ora, "O Peixenauta" é um livro de subjetivismo obsessivo. E não encontro nele o social. A autora traz o verbo, em quase todos os seus versos, para a primeira pessoa do singular, para o campo pessoal "...Eu canto a lua"; "Viajo e procuro a paz"; "...Vou navegando"; "...Eu vou dançando meu carnaval"; "...Sou um pássaro" "...Já sonhei com você", etc., etc.

Mas pecca, não só pelo subjetivismo, como também pelo excesso de "invenções", que não acrescentam nada ao verso. É o caso, por exemplo, da desintegração das palavras (contei 26 delas só na primeira parte do livro) já por demais usadas e gastas, desde que os concretistas, via Cummings, o usaram. Vejamos alguns: "A mais longa via/gem"; "Mira/ge/m"; "pa/redes"; "me c/alar"; "só/rindo"; "dorm/indo"; "Des/petalo";

ou/vido"; "diu/turno"; "aster/oide", etc., etc.

Ieda quer, com "O Peixenauta", pelo menos na primeira parte do livro, "carregar a mão" em reservas poéticas que ela por certo acha "uma descoberta", mas cai, invariavelmente, em clichês muito gastos e o aproveitamento do espaço em branco que ela tenta é bastante arcaico.

Quando ela, e isto se dá na segunda parte do livro, não procura regras capazes de transformar "O Peixenauta" numa obra de invenção, deixa transparecer a poetisa que é. Por isto mesmo, "Tempo Lírico" (2.ª parte) é o que há de melhor em "O Peixenauta". Vejam estes versos do poema "Poesia": "Vislumbro no teu ser lições de geografia / O caminho do sonho não é estrada, é via / portanto, desfaz-se a noite e rompe o dia / lá vamos nós tão reunidos e sem companhia."

Não posso, entretanto, deixar de reconhecer em muitos versos da autora goiana verdadeiros "achados", principalmente quando ela joga com as aliterações, assonâncias e figuras de estilo como a aférese: "Encanto a lua / eu canto a lua"; "aeronauta / aéreo nauta"; "meus sonhos leves / leves meus sonhos; / "Enfim a Lua / em fio a lua"; "namora a terra / lá mora a terra"; "meu veneno / mel veneno". "Vê-nos / Venus"; "De sangue vermelho aguardo / verme e água — / angue, elho, ado, mais; "Com sabão, água / e dor feita de espuma / virou lama, lima, luma / meu relógio / de acrílico".

A poesia de hoje — ainda bem — rompeu o cordão umbilical que ligava todo e qualquer poeta novo ao movimento da poesia concreta. Os diluidores (como os concretistas gostavam de chamar todos aqueles que não faziam parte de seu grupo) estão no fim. E voltamos ao verso espontâneo, livre, que deseja apenas expressar suas emoções, sentimentos, idéias, embora, como adverte José Régio em seu livro "Em Torno da Expressão Artística", este "expressar de emoções, sentimentos e idéias", ainda que nos pareça muito natural e muito livre, é escolhido e profundamente "tendencioso".

Mas não se pode abusar porque é preciso ser muito poeta para conseguir levar até o fim um poema que rime "computador" com "flor", amor e "dor".

Ieda Schmalz está nos devendo um livro onde ela nos mostre a poeta que é. E, ao que tudo indica, ele virá com "Flor e Fruto" a ser lançado em breve. (Orient, 131 pgs.)

Henry Correa de Araújo

CARTAS

Arte é liberdade

Gostaria de, por intermédio de Escrita, mandar um recado ao leitor Romeu Rossi, que no n.º 9 faz um reparo à poesia que está sendo publicada por vocês. Concordo inteiramente com ele, e há muito tempo venho querendo dizer isto, sem encontrar as palavras adequadas. Ele disse por mim o que eu queria gritar, como leitora e pretensa poeta. Tenho enviado alguns poemas, mas já senti que nunca irão publicá-los, já que minha linguagem parece que está atrasada em, pelo menos, uns dez anos em relação ao que se está escrevendo atualmente. Sou essencialmente instintiva, escrevo num tom coloquial, ainda que tenha alguma força o que digo; é como se fosse uma conversa cara a cara, e os poetas atualmente estão usando um tom impessoal, arrogante, intelectualóide. Depois do Pasquim, todos escrevem da mesma forma, seguindo seu modelo vanguardista, debochado. Não que eu seja puritana, mas talvez seja quadrada, pelo menos na maneira de dizer as coisas. Sempre entendi que Arte é liberdade (não liberalidade), no sentido de linguagem, estilo. Acho que cada um deve seguir o seu caminho, com algumas influências, é claro, mas sem copiar imagens alheias. Deixar o seu íntimo sair, transbordar no papel, traduzindo sentimentos próprios ou fatos exteriores, mas com sua voz particular, peculiar. Sinto, repito, que não publicarão meus escritos, mas nem por isto vou apelar, mudar meu tom, impostar minha voz. (Aglaiá S. Fonseca — Brasília, DF)

Pequeno anúncio

Compro "Navelouca". (Ana Lagoa — SQS 307, Bloco B, apto. 103, Brasília, DF)

Apoio moral

Todos nós aqui, da Tribuna Piracicabana, estamos contentíssimos com o trabalho de Escrita. Acima de tudo, pela penetração da conceituada revista cultural que — felizmente — chegou ao número 10. Esperamos que a sua publicação continue. E continue como está... Esta carta, simples e rápida, é para dar a todos que compõem Escrita o nosso apoio, a certeza da nossa colaboração e, publicamente, declaramos-nos verdadeiros admiradores dos lutadores da Vertente Editora. (Evaldo A. Vicente — Piracicaba, SP)

Ainda o Paraná

Bastante oportuno o artigo de Affonso Romano de Sant'Anna, publicado na Escrita 8, sobre o VIII Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná. O fato é que os participantes, após a escolha, eram informados através da imprensa sobre a premiação e mais nada, nem uma linha sequer esclarecendo pontos im-

portantes para nós, concorrentes assíduos. Por exemplo: Quais os critérios que norteavam o júri na escolha dos melhores? Quantos eram os finalistas? Haveria contacto entre os jurados — reuniões, discussões, etc., ou cada um enviaria seus escolhidos numa espécie de eleição secreta? A única coisa que me lembro de ter lido a respeito até hoje foi uma declaração de alguém ligado ao concurso, o qual afirmava cabalmente que contos sem uma estrutura clássica de começo, meio e fim, não teriam chances sobre os demais. Vejo agora que era uma opinião isolada e não uma regra geral de seleção, como ficava subentendido. Mas de qualquer forma outras dúvidas persistem e seria ótimo se a revista pudesse saná-las, dando a relação dos cem contos selecionados para releitura, e as indicações finais de cada um dos jurados, pois, segundo afirmações do próprio Affonso Romano de Sant'Anna, "somente dois coincidiram inicialmente na indicação do primeiro colocado. Alguns dos indicados para primeiro lugar em algumas listas não figuravam em último lugar na lista dos outros". O artigo aborda ainda outro ponto, para mim interessantíssimo, quando o redator diz que: "De toda essa leitura saio convencido de que se pode ensinar a escrever. O exemplo realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ nos últimos anos, através do Curso de Criação Literária, me parece deveria ser seguido". Então pergunto: há em São Paulo algum curso similar? Quando e onde? Por favor, publiquem algo a respeito. De resto, meus parabéns à Escrita pela publicação dos cinco premiados, o que acontece no antigo suplemento literário de "O Estado de S. Paulo". Essa mostra serve para dar aos outros concorrentes valores de comparação entre os seus e os contos escolhidos. E, apesar da qualidade da matéria de Affonso Romano de Sant'Anna, penso que um outro artigo sobre o mesmo tema, com os demais membros do júri dando sua visão particular sobre o VIII Concurso de Contos do Paraná, seria também valioso, porque nos daria uma idéia de como anda a literatura, por assim dizer, "amadora", no Brasil. (Nilton da Gama Correia Júnior — São Paulo, SP)

Desde 1972 vêm sendo ministrados cursos de redação criativa por Samir Curi Meserani na PUC — S. Paulo. Para maiores detalhes, escrever para o Departamento de Arte da PUC, rua Monte Alegre, 984 — Perdizes, São Paulo, SP.

MARGINAIS NA PRAÇA

Tá indo aqui o Bloco 9, um juntamente de metapoemas reunidos em bloco, com folhas picotadas que podem ser destacadas para serem usadas, jogadas fora, dadas, etc. Dêem um papo aí na Escrita, bota o endereço da gente pra quem quiser escrever. Sugestões: 1.º) uma reunião em praça pública com todos os chamados marginais da literatura pra troca de idéias, trabalhos e mesmo venda dos mesmos. A coordenação ficaria a cargo de Escrita. 2.º) por que não publicam poesias de vanguarda — concreta, processo? tem muita gente boa na linha. (Sílvio Antonio Spada — Caixa Postal 192, Vera Cruz, 17.560, SP)

A idéia de reunião dos marginais em praça pública é boa. Neste momento não temos condições de coordená-la. Quanto aos poemas-processo e concretos, estamos aguardando.

RELAÇÕES DE AMIZADE

Gostaria muito que V.Sa. me indicasse o caminho pelo qual devo seguir, para almejar esta tão valiosa profissão de "Escritor". No fim deste ano de 1976, terminarei o curso técnico em contabilidade, aí então eu me dedicarei completamente às minhas pesquisas e assim começarei a escrever um livro, um romance, mas desde já quero entrar em contato com V.Sa. a fim de estabelecermos relações de amizade. (Aldamir Lobo Alvim — Barreiras, BA)

Leia Escrita 10.

PAPEL AMASSADO

A posição que vocês tomam com relação ao autor novo (nem sempre jovem) é perfeita. Nada mais antipático do que aqueles "conselhos" e críticas (construtivas?) ao jovem escritor (e às vezes não tão jovens assim). Ou se publica, ou não se publica. Só o próprio autor pode — após muito suor, muito treino, muito papel amassado (e muita leitura) — decifrar os seus próprios erros. O aprimoramento de cada um é algo muito subjetivo, muito pessoal e uma palavra negativa é capaz de inibir o cara por alguns anos, até que ele se redescubra outra vez e não dê mais bola ao papo alheio. Por isso nada melhor para o autor (ou autora) novo (a) do que ver os seus trabalhos publicados. O texto adquire uma outra dimensão e as "mancadas" passam também a ser mais perceptíveis. É neste sentido que eu acho que o trabalho de vocês está sendo muito importante. Além, naturalmente, de ser um excelente (e descontraído) veículo de cultura (esta palavra tão maltratada) e estar proporcionando a abertura de um cada vez mais necessário diálogo entre escritores, artistas e povo em geral amarrado (s) em literatura e arte. (Raul Caldas F.º — Iha do Desterro, SC)

IBRASA LIVROS QUE CONSTROEM

1. DICIONÁRIO SEXUAL
de Georges Valensin
2. PARAPSIKOLOGIA ATUAL —
FATOS E REALIDADES
de Milan Ryzl
3. TÉCNICAS DE DELEGAR
de Donald A. Laird
4. CIÊNCIA — HISTÓRIA
E REALIDADE
de A. Sutcliffe &
A.P.D. Sutcliffe



**DUAS ESTÓRIAS DO
AUTOR NORTE-AMERICANO JAMAIS PUBLICADAS EM LIVRO.**

Um leão que gosta de massa e de um bom vermute.
Um touro que não se chama Ferdinando nem
gosta de flores. Tudo isso e ilustrações coloridas
de Rubens Matuck e Sandra Abdalla.
Cr\$ 35,00

Nas livrarias ou por reembolso postal.
Pedidos à Vertente Editora
Rua Monte Alegre, 1434-05014 - São Paulo (SP).

PARTICIPEM DA

IV BIL

Promoção:
Fundação Bienal de São Paulo
Instituto Nacional do Livro
Câmara Brasileira do Livro

Colaboração: Ministério das Relações Exteriores,
Governador do Estado de São Paulo, Prefeitura do
Município de São Paulo, Sindicato Nacional dos
Editores de Livros.

BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO — SÃO PAULO 13 a 22 DE AGOSTO DE 1976

PAVILHÃO ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA — PARQUE IBIRAPUERA

INSC. E CORRESP.: AV. IPIRANGA, 1267 - 10.º - Fones: 228-9066 - 228-6088 - 227-4386 - CEP 01039 - S. PAULO - BRASIL

Na IV BIENAL DO LIVRO, os melhores frutos do conhecimento:
carros, viagens e muitos prêmios para quem colhê-los.
Ao adquirir seu ingresso, você recebe um cupom numerado e concorre a cinco prêmios:

- 1.º Prêmio: um Corcel
- 2.º Prêmio: uma motocicleta Yamaha
- 3.º Prêmio: uma Enciclopédia Mirador Internacional
- 4.º Prêmio: uma TV colorida Colorado
- 5.º Prêmio: um refrigerador Brastemp

Mas há prêmios também para quem compra livros em qualquer dos stands.
Peça um cupom numerado. Os prêmios também são cinco:

- 1.º Prêmio: um Corcel
- 2.º Prêmio: uma motocicleta Yamaha
- 3.º Prêmio: uma Enciclopédia Delta Larousse
- 4.º Prêmio: uma TV colorida Colorado
- 5.º Prêmio: um refrigerador Brastemp

- E mais: durante a Bienal serão realizados quatro seminários:
- O hábito de leitura e as bibliotecas (dias 14 e 15)
 - A literatura infantil e a formação do hábito de leitura (dias 16, 17 e 18)
 - Objetivos da política nacional do livro e o autor nacional (dias 21 e 22)
 - III Semana de Estudos de Editoração (dias 16 a 20)

Além de um concurso para as melhores reportagens (texto e
fotografia) e um concurso para estudantes

R\$ 17,50 em Manaus, Santarém, Boa Vista, Altamira, Macapá, Rio Branco e Porto Velho (Via Aérea)

